



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

NAS REDES E NAS RUAS: UMA ANÁLISE DO GOVERNO BOLSONARO ATRAVÉS
DO TWITTER

MATHEUS VASCONCELOS FIGUEIREDO

CAMPINA GRANDE - PB
DEZEMBRO 2022.

NAS REDES E NAS RUAS: UMA ANÁLISE DO GOVERNO BOLSONARO ATRAVÉS
DO TWITTER

MATHEUS VASCONCELOS FIGUEIREDO

Trabalho apresentado ao curso de Licenciatura em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador (a): José Luciano de Queiroz Aires

Campina Grande

2022

MATHEUS VASCONCELOS FIGUEIREDO

NAS REDES E NAS RUAS: UMA ANÁLISE DO GOVERNO BOLSONARO ATRAVÉS DO
TWITTER

Trabalho de Conclusão do Curso avaliado em __/__/__ com o conceito _____

BANCA EXAMINADORA

Orientador (a)

Examinador (a)

Examinador (a)

Dedico este trabalho a minha avó Enedina, uma grande escritora e professora de História que me inspira e me ensina muito, todos os dias, desde que eu nasci.

AGRADECIMENTOS

Escolher os caminhos da História e do ensino não foi algo fácil para mim, em uma jornada repleta de percalços, alegrias e descobertas, hoje tenho a certeza que fiz a escolha, uma escolha que mudou minha vida completamente. Por isso, neste momento tenho muito a agradecer.

Em primeiro lugar, agradeço aos meus familiares, especificamente minha mãe e meu irmão, que são as pessoas que vivem ao meu lado e aqueles que melhor me conhecem nesse mundo, justamente por dividirmos tantos momentos no dia a dia, bons e ruins. Do mesmo modo, ao falar da família, não posso deixar de citar minha avó materna Enedina, provavelmente a pessoa que mais me incentivou durante todo o curso, aquela que morre de orgulho do neto mais velho que escolheu justamente fazer o mesmo curso que ela. Vê-la tão feliz com a minha formação como professor de História é um grande combustível para seguir em frente.

Em seguida, faço um agradecimento aos amigos do curso que estiveram ao meu lado durante todo esse tempo e sem os quais eu jamais conseguiria me formar. Mikaelly, Mariana, Igor, Lais, Jefter, Lucas Nunes, Magdiel, Ana Paula, Jéssica, João, Mikaela, Gabriel, são pessoas que de alguma forma puderam me ensinar algo e acrescentaram coisas boas a toda essa experiência, em maior ou menor grau. Também preciso citar os melhores amigos que carrego comigo desde antes de chegar ao curso e outros que fiz durante esse tempo e que igualmente sempre buscaram me motivar a fazer o que acredito, especialmente Coutinho, Athus, Matheus Venício, Pedro Costa, Rubens, Lucas Anthony, Niedna, Redson, Jonathas, Guilherme, Luan entre outros. Agradeço também a uma pessoa especial específica que esteve comigo me aguentando durante todo esse nervoso processo final de produção do TCC que foi Anne Taynara, tendo um papel muito importante na minha vida nesses últimos meses de curso.

Por fim, sou grato a todos os professores que tive durante o curso, os quais puderam colaborar muito para que eu evoluísse de tantas formas como pessoa, professor e historiador e fazem com que eu chegue a esse momento muito satisfeito por toda a maturidade que pude alcançar. Em especial agradeço a professora Silêde, com a qual eu pude dividir uma experiência fundamental na minha formação, que foi o PIBID. E finalizo agradecendo ao meu orientador Luciano Queiroz, que sempre se mostrou muito acessível para me ajudar desde a época que foi meu tutor no PET História e que acreditou na minha ideia para desenvolver essa pesquisa, dando uma imensa contribuição e sendo importantíssimo para que eu desenvolvesse um trabalho acadêmico de qualidade.

RESUMO

Este trabalho investiga, a partir dos acontecimentos que levaram à ascensão de Jair Messias Bolsonaro ao governo da República brasileira em 2018, se o mesmo e seu movimento podem ser definidos como neofascistas e em que medida também se aproximam do fascismo histórico. Ao mesmo tempo, se faz necessário avaliar toda a conjuntura do Brasil e do mundo que levou a vitória eleitoral de Bolsonaro. Além disso, para entender e expor o pensamento bolsonarista, é feita uma análise das publicações do perfil de Jair Bolsonaro na rede social Twitter entre 2019 e 2022, que correspondem aos anos de seu mandato como presidente. Tudo isso feito com o apoio de uma bibliografia baseada no materialismo histórico, reunindo desde nomes clássicos como Leon Trotsky e Clara Zektin, até autores atuais como Marcelo Badaró Mattos e Jason Stanley. Também elaborando um acervo com as publicações do Twitter consideradas mais relevantes para o tema e seguindo práticas metodológicas específicas para fontes retiradas da internet, como o armazenamento dos dados obtidos. Após a análise, observa-se a relevância que uma rede social como o Twitter possui para a compreensão do cenário político do período estudado, se tornando um dos principais veículos utilizados por políticos como Jair Bolsonaro para difundir sua ideologia. Através do olhar crítico sobre essa ferramenta, a população brasileira, sobretudo os mais jovens, podem ter a noção de como o país foi governado nesses tempos. Entendendo esse presente, é possível nos prepararmos para o futuro, já que o bolsonarismo ainda é uma força política relevante no país e os impactos das ações de Bolsonaro como presidente ainda serão sentidos por algum tempo.

Palavras-chave: Bolsonaro; Neofascismo; Twitter.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - publicação do presidente Bolsonaro defendendo mais letalidade na área da segurança.....	36
Figura 2 - publicação do presidente Bolsonaro explicando fala a favor do trabalho infantil.....	38
Figura 3 - publicação do presidente Bolsonaro sobre proibir a “ideologia de gênero”.....	40
Figura 4 - publicação do presidente Bolsonaro se colocando como símbolo do combate à corrupção.....	42
Figura 5 - publicação do presidente Bolsonaro comemorando a venda de ativos do Estado.....	43
Figura 6 - Presidente Bolsonaro compartilha publicação de Donald Trump afirmando que irá designar organizações antifascistas como terroristas nos Estados Unidos	45
Figura 7 - foto publicada pelo presidente Bolsonaro mostrando reunião de apoiadores em São Paulo durante o 7 de Setembro.....	48
Figura 8 - publicação do presidente Bolsonaro se negando a adquirir a vacina que poucos meses depois seria usada para o início da vacinação dos brasileiros durante a pandemia.....	50
Figura 9 - publicação do presidente Bolsonaro sobre tratamento para covid-19 sendo classificada como informação enganosa pelo Twitter	52
Figura 10 - publicação do presidente Bolsonaro resumindo seu discurso na ONU.....	55

Figura 11 - publicação do presidente Bolsonaro pedindo que as pessoas se informem pelo seu Telegram.....	5
7	
Figura 12 - publicação do presidente Bolsonaro comemorando a chegada de um ministro “terrivelmente evangélico” ao Supremo Tribunal Federal.....	58
Figura 13 - publicação do presidente Bolsonaro lamentando a morte de Olavo de Carvalho.....	60
Figura 14 - publicação do presidente Bolsonaro culpando a esquerda e a imprensa pelos danos da pandemia.....	61
Figura 15 - publicação do presidente Bolsonaro se colocando ainda como um candidato contra o sistema e contra a esquerda criminosa.....	64
Figura 16 - publicação do presidente Bolsonaro agradecendo o apoio de Donald Trump a sua reeleição.....	66

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PT - Partido dos Trabalhadores;

PMDB - Partido do Movimento Democrático Brasileiro;

PSDB - Partido da Social Democracia Brasileira.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. FASCISMO E NEOFASCISMO: ONTEM E HOJE.....	12
1.1 O FASCISMO HISTÓRICO.....	12
1.2 O SÉCULO XXI E O NEOFASCISMO.....	17
2. A CRISE DO LULISMO E A EXTREMA-DIREITA NAS RUAS: DE JUNHO DE 2013 ÀS ELEIÇÕES DE 2018.....	24
2.1 AS JORNADAS DE JUNHO DE 2013.....	25
2.2 A MOBILIZAÇÃO DA DIREITA E O GOLPE DE 2016.....	27
2.3 2018 E A ELEIÇÃO DE JAIR BOLSONARO.....	31
3. MOVIMENTAÇÃO DE MASSA NAS RUAS E NAS REDES SOCIAIS.....	35
3.1 2019 E O PRIMEIRO ANO DE GOVERNO.....	36
3.2 OS ANOS DA PANDEMIA: 2020 E 2021.....	41
3.3 2022 E UMA NOVA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL.....	60
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
5. REFERÊNCIAS.....	71

INTRODUÇÃO

A partir da crise econômica global de 2008, diversos lugares do mundo viveram momentos de ebulição social e disputas políticas, se intensificando assim a luta entre as classes. Nessa conjuntura, emerge um novo grupo de líderes mundiais com um discurso messiânico e moralizador, prometendo a regeneração das sociedades corrompidas através de suas agendas ideológicas que salvariam os seus países. Para alguns estudiosos, esse momento marca a ascensão do neofascismo em diferentes locais do planeta.

Essa nova extrema-direita, agora com particularidades do século XXI, como o massivo uso da internet para disseminação de ideias e mobilização das massas desperta em muitos uma forte inquietação, medo e insegurança. Afinal de contas, alguns de seus líderes acabaram chegando ao poder de fato, com campanhas políticas agressivas e uma agenda autoritária que ameaça aparelhar os Estados nacionais. Dada a velocidade com que tais acontecimentos ocorreram e estão ocorrendo na atualidade, ainda se faz necessário estudar esse processo para entendermos o nível dessa ameaça e como é possível combatê-la.

Dentro desse momento da extrema-direita, praticamente cem anos após o surgimento do fascismo histórico, uma das figuras que mais se destaca negativamente é o brasileiro Jair Messias Bolsonaro, um ex-capitão do exército que ascendeu à presidência do Brasil na esteira desse período crítico para o mundo. Bolsonaro se torna presidente após uma complexa sucessão de acontecimentos que deteriora a democracia liberal do país e faz com que a população local opte por eleger um político que na época já possuía quase trinta anos de carreira defendendo diversas posições condenáveis e antidemocráticas, mas que, com uma campanha de desinformação em diversas redes sociais se coloca como alguém que estaria lutando contra o sistema corrupto do Estado. Descrentes com o sistema eleitoral brasileiro, muitos cidadãos acabaram votando no ex-capitão, sem ter noção da destruição que um governo do mesmo poderia causar na sociedade.

Com a popularização de Bolsonaro e do bolsonarismo, cresce na sociedade brasileira o debate a respeito da posição ideológica desse agrupamento político e principalmente de seu líder. Nesse momento, boa parte dos seus opositores, de algum modo o acusa de ser fascista ou ter traços de fascismo, enquanto uma parcela de seus eleitores o vê como mais um candidato que respeita o sistema democrático brasileiro, possuindo falas problemáticas apenas por um excesso de indignação com aquilo que estaria errado no país ou um mero reflexo de um suposto conservadorismo cristão da parte dele. Acontecendo assim uma naturalização do comportamento de extrema-direita entre o povo.

Este trabalho surge justamente a partir desse debate. Considerada a situação, como podemos classificar Bolsonaro dentro do espectro político-ideológico? Ele é realmente fascista? ou representa algo novo, como o neofascismo? Assumindo que seja neofascista, como podemos apresentar de maneira prática e de fácil entendimento para as massas exemplos de seu neofascismo durante seus anos governando o Brasil? São alguns questionamentos que o texto busca refletir e responder. Uma reflexão que surge justamente a partir da banalização que o discurso de extrema-direita sofreu no Brasil dos últimos anos, tendo em vista que o rótulo de “fascista” que é atribuído a Bolsonaro por seus opositores muitas vezes não é levado a sério por parte significativa do eleitorado, que pode não compreender a gravidade que esse tipo de situação representa politicamente, ter um presidente com traços fascistas comandando o país.

Antes de mais nada, se faz necessário compreender conceitualmente fascismo e neofascismo, suas semelhanças e diferenças, para que posteriormente possamos aplicá-los à situação brasileira. Por isso que a primeira parte do trabalho se foca apenas em abordar esses dois conceitos. Para isso, contamos com o suporte de uma bibliografia voltada para o materialismo histórico, com autores clássicos e contemporâneos. Nomes como Leon Trotsky, Clara Zetkin, Jason Stanley, Marcelo Badaró Mattos, Felipe Demier, entre outros nos ajudam nesse exercício de conceituar fascismo e neofascismo.

Em seguida, é preciso discorrer a respeito de todo o processo de crise de representação da democracia burguesa que ocorreu no Brasil, com os efeitos negativos da crise econômica global de 2008 que chegam por aqui principalmente a partir das mobilizações que ficaram conhecidas como “Jornadas de Junho”, em 2013. Nesse período, a luta entre as classes leva a derrubada do modelo conciliatório e reformista, comandado pelo Partido dos Trabalhadores e que vinha vigorando no país desde o início dos anos 2000, com um golpe parlamentar a favor de uma agenda neoliberal de ataque aos direitos sociais e desmonte do Estado.

Não é possível entender a vitória bolsonarista em 2018 sem olhar para toda essa movimentação que precedeu esse momento. Por isso é relevante que na segunda parte do texto façamos esse acompanhamento da época que se estende de 2013 até 2018, também utilizando o apoio de escritores atuais e outros que escreveram no calor dos acontecimentos.

Finalmente, a última parte do texto surge justamente do questionamento a respeito da melhor forma de expor o neofascismo bolsonarista para as pessoas da forma mais clara e direta possível, dialogando com as ferramentas que temos à disposição na internet hoje. Conseqüentemente, acreditamos que não é possível estudar e denunciar o governo Bolsonaro sem observar suas redes sociais, que foram os meios mais importantes para a disseminação do seu conteúdo fascistizante, seja através dos perfis do próprio líder, seja com o apoio dos seus

seguidores, originais e falsos, já que a milícia digital de extrema-direita também conta com uma grande quantidade de robôs para espalhar materiais e atacar opositores.

Nesse sentido, a página de Jair Bolsonaro na rede social Twitter é a escolhida como meio de pesquisa, por se tratar de uma mídia que possuiu uma comunicação mais simplificada, principalmente através de publicações textuais que ali ficam armazenadas a menos que o dono do perfil as apague. Ao mesmo tempo, a escolha foi pensada pelo fato de se tratar de um local da internet que gera ampla repercussão na sociedade atual, com coisas que ali são publicadas virando notícia em veículos de mídia tradicionais ou sendo compartilhadas em outros espaços do mundo online. Além do fato de se tratar de algo que Bolsonaro usa e usou constantemente durante todo o seu tempo na presidência para divulgar as ações do seu governo e propagar o pensamento neofascista.

A pesquisa acaba sendo inovadora na medida em que o uso político das redes sociais é algo que explodiu a poucos anos e tendo justamente a extrema-direita como vanguarda nessa forma de atuar. Algo que se mostrou decisivo para que alguns de seus principais expoentes vencessem as eleições pelo mundo e faz com que em determinado trecho do texto tenhamos a necessidade de problematizar essa relação entre as grandes empresas capitalistas de mídias sociais e os perfis neofascistas, os quais encontram pouquíssimas dificuldades para atuar nessas redes e geram lucro para elas, por meio da quantidade de acessos, dados das pessoas e repercussão em outros lugares.

A inovação igualmente se apresenta no que se refere a metodologia de pesquisa histórica, visto que por se tratar de um novo terreno para os pesquisadores, é algo que ainda está tendo sua questão metodológica definida. Mesmo assim, com a ajuda de diferentes artigos já produzidos sobre a relação do historiador com as fontes online, foi possível construir uma forma segura e confiável de pesquisa, fazendo um levantamento de todas as postagens de Bolsonaro no Twitter entre janeiro de 2018 e dezembro de 2022, selecionando parte das que consideramos mais relevantes para apresentar e analisar no trabalho. Essa escolha foi feita observando publicações que apresentassem relevância para o estudo da hipótese do presidente Bolsonaro ser neofascista, igualmente tendo apoio na bibliografia estudada para auxiliar nessa seleção. Se tratando de um material retirado da internet, é importante ressaltar o cuidado em salvar e catalogar todo esse acervo para o caso dele ser apagado da internet, algo que pode acontecer quando trabalhamos nesse campo.

O texto portanto traz essa união entre passado e presente, o real e o virtual, fascismo e neofascismo, para que possamos compreender o que está acontecendo no presente. Tudo isso com um amplo estudo bibliográfico e uma profunda investigação do Twitter de Jair Bolsonaro,

estabelecendo um método que possa fornecer auxílio para aqueles que buscam essa compreensão sobre o que é esse movimento que levou o Brasil a ser comandado pela extrema-direita e como podemos identificá-lo como neofascista.

CAPÍTULO 1. FASCISMO E NEOFASCISMO: ONTEM E HOJE

O movimento fascista surge na Europa em um contexto pós Primeira Guerra Mundial, muito marcado por uma forte crise econômica e social. A Itália, apesar de terminar a guerra ao lado dos vencedores, não consegue obter os ganhos que imaginava, acirrando as tensões sociais. Como consequência, a região passava por um momento de ascensão do Partido Comunista italiano e das lutas dos trabalhadores por melhores condições de vida, sendo isso também um reflexo da vitória da Revolução Russa em 1917. Então, é nesse momento atribulado, com uma sociedade insatisfeita e os ideais revolucionários se tornando uma alternativa viável para a classe trabalhadora que emerge o Fascismo, uma união contrarrevolucionária de extrema direita personificada na figura de seu líder, Benito Mussolini. A partir de então, a organização rapidamente cresce, chega ao poder na Itália e ganha adeptos além de suas fronteiras, mais notadamente o nazismo alemão e o integralismo brasileiro, este último se tornando o maior agrupamento fascista fora do continente europeu.

Por outro lado, na atualidade, o termo “fascista” se tornou frequente no Brasil e em outras partes do planeta, que são ou foram recentemente governadas pela extrema direita para se referir aos governantes locais e seus apoiadores, como por exemplo nos casos estadunidense de Donald Trump e do brasileiro Jair Bolsonaro. Mas, antes de chegarmos propriamente ao governo de Bolsonaro, no início do ano de 2019, é preciso voltar ao passado e entender a gênese e o desenvolvimento do Fascismo, suas características e formas de atuação, para assim podermos observar quais pontos de convergência existem entre o extremismo radical de direita do século passado e o atual, a partir da visão de autores clássicos como Clara Zetkin, Antônio Gramsci e Leon Trotsky. Bem como, em que medida podemos classificar o bolsonarismo como fascista ou neofascista, como defendem alguns escritores contemporâneos. Dessa forma, o conceito de Neofascismo também se mostra de vital importância para esse trabalho, pois é através dele que iremos analisar o novo avanço da extrema direita no mundo cem anos após a fundação do seu primeiro grande movimento.

1.1 O FASCISMO HISTÓRICO

Com o seu assombroso início, se tornando um movimento com forte apelo entre as massas italianas dentro de poucos anos, o Fascismo, de início, rapidamente se apresentou como uma ameaça real à classe trabalhadora e a todos aqueles que se apresentavam verdadeiramente à esquerda no espectro político e ideológico. Logo, a Terceira Internacional, fundada por Lênin após a Revolução de Outubro, tratou de buscar compreender esse novo inimigo que surgia no horizonte. Nesse processo, Clara Zetkin acaba ganhando notoriedade por produzir antecipadamente relatórios analíticos que se mostraram muito corretos, visto que a autora pode analisar perfeitamente a conjuntura da criação fascista, sua forma de atuação e prever quais seriam seus próximos passos a partir da chegada ao poder.

Observando as raízes desse fenômeno na Europa, podemos identificar, de acordo com Zetkin (2019, p.37): “Especificamente, vemos o fascismo como uma expressão da decadência e desintegração da economia capitalista e como um sintoma da dissolução do Estado burguês”. Tal passagem expressa um dos principais sintomas que podem levar uma sociedade para o caminho do autoritarismo, um contexto de profunda crise econômica e social. Nesse sentido, os fascistas buscam se apresentar ao povo como salvadores da pátria economicamente e moralmente destruída. Com um discurso simplista e agressivo, o qual consegue atingir especialmente as classes médias e a pequena burguesia, setores que em tempos instáveis podem facilmente aderir a propostas que prometem manter seus privilégios perante os mais pobres. Como resultado, temos a formação da base social do fascismo, que também pode inclusive se estender para setores proletários, como demonstra Mattos (2020, p.35) ao falar sobre a obra de outro autor muito importante para a compreensão do fascismo, que é Antônio Gramsci, e assim chama a atenção para o fato de:

Um elemento de destaque em todas as observações de Gramsci sobre o fascismo no momento de sua emergência é sua identificação de uma base social - na pequena burguesia e assalariados médios - que deu sentido de massas a um movimento fascista, arrastando inclusive setores do proletariado para a suposta solução messiânica.

Ao mesmo tempo, no aspecto político, temos como marca para a proliferação do fascismo um momento de fraco reformismo, nos casos italiano e alemão comandados pelos partidos sociais democratas locais. Suas crenças nas instituições e na via eleitoral como melhor forma de vencer a extrema direita os levaram a subestimar a capacidade desses agrupamentos, levando por consequência os países a momentos trágicos. Também é importante frisar que ao optar pelo combate apenas institucional, a social democracia acabou por contribuir decisivamente para a desmobilização de parte relevante da classe trabalhadora, dificultando a

articulação de uma resistência forte ao terror autoritário. Citando os marxistas clássicos que escreveram sobre essa temática, Mattos (2020, p.36) nos mostra que:

Gramsci, como a seguir fariam Zetkin e Trotsky, e o melhor da elaboração cominterniana dos anos 1920, advertiu para a responsabilidade da social-democracia, no caso italiano representada pelo Partido Socialista, que menosprezou a ascensão do fascismo, acreditando que ele seria apenas mais uma moda política passageira, facilmente derrotada através dos caminhos eleitorais/institucionais.

Logo, podemos estimar o quanto a subestimação do fascismo foi decisiva para o seu sucesso, com parte daqueles que deveriam combatê-lo intensamente não o fazendo, enquanto o mesmo se aproveitava disso para expandir suas bases entre a população. Essa visão é corroborada por Zetkin (2019, p.33), relatando que “a princípio, a visão predominante era de que o fascismo não passava de um terror burguês violento [...]”. Uma afirmação que demonstra o desconhecimento inicial a respeito da mobilização fascista. Na Itália, essa vantagem se expressou na rapidez com que Mussolini e os fascistas em pouco tempo atacaram diversas cidades e organizações dos trabalhadores, os quais desorientados, não tiveram tempo de organizar uma resistência efetiva e quando isso foi tentado, já era tarde demais. As forças autoritárias logo conseguiram suprimir o proletariado desmobilizado. Na Alemanha, a situação ocorreu de forma semelhante, com a violência e a perseguição das milícias nazistas tomando conta das ruas diante de um Estado conivente.

Além da confiança ingênua no funcionamento das instituições, a falta de ação dos governos diante das primeiras organizações fascistas pode ser justificada pelo fato de que o momento de tensões sociais também criava condições para a revolução proletária. Então, o fascismo aparece como um movimento de caráter contrarrevolucionário para livrar o Estado burguês das amarras constitucionais e assim salvar as classes dominantes de qualquer ameaça a sua posição, sufocando todas as organizações dos trabalhadores e assim impondo a todos as pautas que bem desejar. Assim, de acordo com Trotsky (2018, p.74):

Aqui começa a função histórica do fascismo. Ele põe de pé as classes que se levantam imediatamente em cima do proletariado e temem ser precipitadas nas suas fileiras, organiza-as, militarizando-as, com os meios do capital financeiro, sob a capa do Estado oficial, e as orienta para a destruição das organizações proletárias, desde as mais revolucionárias até as mais moderadas. O fascismo não é simplesmente um sistema de repressão, de atos de força e de terror policial. O fascismo é um sistema de Estado particular, baseado no extermínio de todos os elementos da democracia proletária na sociedade burguesa. A tarefa do fascismo não consiste somente em destruir a vanguarda proletária, mas também em manter toda a classe num estado de

fragmentação forçada. Para isto, a exterminação física da camada operária mais revolucionária é insuficiente. É preciso destruir todos os pontos de apoio do proletariado e exterminar os resultados do trabalho de três quartos de século da social-democracia e dos sindicatos. Porque neste trabalho também se apoia, em última instância, o Partido Comunista.

A longa e contundente fala de Trotsky é extremamente relevante para compreendermos a principal função do fascismo, que é justamente dividir, oprimir e perseguir o proletariado, suas organizações e partidos que o representem, principalmente comunistas e socialistas. Dessa forma, não é possível confundir a atuação fascista com qualquer ditadura militar ou Estado policial repressor. Neste grupo de extrema direita, não há espaço para nenhuma moderação. Qualquer elemento democrático ou reformista em favor dos mais pobres é destruído, com aqueles considerados opositores sendo perseguidos e podendo ser mortos. Tudo isso feito com o apoio financeiro do grande capital que auxilia a agitação das massas pequeno-burguesas armando-as, transformando-as em verdadeiras milícias.

Consequentemente, o incentivo a violência e o ódio contra os grupos revolucionários se torna a principal bandeira comum a esses grupos de extrema direita. Isso é explicitado por Zetkin (2019, p.89), que ao comentar as contradições do programa fascista, explica que “na realidade, apenas um ponto do programa foi mantido desde o primeiro dia até agora: a mais profunda hostilidade às organizações socialistas dos trabalhadores”. Com isso, temos claro o objetivo do Estado fascista em servir a burguesia para que esta siga no domínio das ações na sociedade. Ao acabar com os grupos comunistas, sindicatos e quaisquer outras formas de união do proletariado, aqueles que estão no topo da pirâmide social garantem que os de baixo não possam se rebelar e nem cooptar outros setores para suas fileiras, conseguindo assim se manter no comando da nação livres de ameaças.

É justamente essa falta de uma direção revolucionária que pode levar, por exemplo, a parcela pequeno-burguesa da população para o lado da extrema direita. Tal tática se mostrou bem sucedida na Itália e na Alemanha, como comenta Trotsky (2018, p.32) ao observar o segundo caso:

O crescimento gigantesco do nacional-socialismo (nazismo) é expressão de dois fatos: da crise social profunda, que lança as massas pequeno-burguesas para fora do seu equilíbrio, e da ausência de um partido revolucionário, que já possa se apresentar, hoje, aos olhos das massas populares, como aquele que deverá ser o seu guia revolucionário.

Estão postas assim as condições para o desenvolvimento fascista. Com uma grande crise, a população agitada e um sistema parlamentar incapaz de apresentar soluções conciliatórias, o sistema capitalista rapidamente recorre ao fascismo como forma de

manutenção da sua ordem. O sucesso desse movimento está diretamente ligado à adesão da pequena-burguesia e das classes médias, as quais sem nenhuma orientação que as leve rumo à revolução proletária, podem acabar tendendo para a extrema direita.

Em síntese, o programa “messiânico” do fascismo promete grandes transformações na sociedade. Apelando para um falso nacionalismo que ao chegar ao poder, se burocratiza e acaba se assemelhando a ditaduras militares comuns, se caracterizando pela subserviência à burguesia e ao capitalismo. Tais aspectos podem levar a classificações equivocadas ao se analisar experiências que tenham esse tipo de inclinação ideológica. Todavia, o fascismo é um movimento cercado de contradições, essas que são bem exemplificadas por Zetkin (2019, p.60), ao nos dizer que:

Quando se compara o programa do fascismo italiano com sua real implementação, torna-se evidente o seguinte: a completa falência ideológica do movimento. Há uma contradição flagrante entre o que o fascismo prometeu e aquilo que entregou às massas. Todo discurso sobre como o Estado fascista colocará os interesses da nação acima de tudo, assim que exposta aos ventos da realidade, desfez-se como uma bolha de sabão. A “nação” se revelou como sendo a burguesia; o Estado fascista ideal revelou-se como sendo, em sua vulgaridade e falta de escrúpulos, o Estado de classe da burguesia. Essa falência ideológica levará, cedo ou tarde, o fascismo para a sua falência política.

A derrota do fascismo, portanto, pode acontecer dentro do próprio sistema, através da exposição de suas grandes contradições as quais em algum momento devem chegar ao seu limite. No que se refere à oposição ao regime, autores como Clara Zetkin e Leon Trotsky defendem a construção de uma frente ampla com direção comunista para combater os fascistas em todos os campos. É extremamente importante mobilizar as massas não só para superar o inimigo, mas também para posteriormente instaurar um governo revolucionário, visto que a derrota da extrema direita significa deixar a burguesia em escombros e sem alternativas. Essa união deve fazer com que os vacilantes e indecisos sejam estimulados a irem para a luta, algo comentado por Trotsky (2018, p.255):

A frente única política tem como tarefa separar os que querem lutar dos que não querem; empurrar para frente os que vacilam; enfim, comprometer aos olhos dos operários os chefes capituladores e fortalecer, assim, a capacidade de luta do proletariado.

No caso do fascismo histórico, a possibilidade da criação de uma frente única, especialmente ao falarmos do enfrentamento ao nazismo foi muito impossibilitada por uma resolução sectária da Comintern em 1928. O órgão aparelhado pela burocracia stalinista acaba

decidindo por rechaçar qualquer possibilidade de união com a social-democracia, classificando-os como “social-fascistas”, algo que o próprio Trotsky (2018, p.75) indica ser um erro, que poderia jogar esse grupo para as massas fascistas apesar da parcela de culpa dos mesmos a respeito da ascensão nazista:

A teoria do “social-fascismo” reproduz o erro essencial do lassalianismo em novas bases históricas. Ao mesmo tempo em que lança nacional-socialistas e sociais-democratas numa massa fascista, a burocracia stalinista pratica ações como o apoio ao plebiscito hitleriano: isto não é de modo algum melhor do que as manobras lassalianas com Bismarck.

Fica claro que a libertação do domínio opressor só é possível a partir do engajamento constante da população. Não é suficiente apenas esperar por seu fim, tentar derrotá-lo em tribunais ou por vias eleitorais. É fundamental ocupar as ruas e demonstrar toda a força possível, para que assim no caminho se possa agregar cada vez mais pessoas a essa união, motivando aqueles que estiverem indecisos, fazendo-os acreditar que é possível lutar contra a ditadura fascista.

Portanto, ao observarmos as origens dos movimentos nazi-fascistas, os percebemos como a mais brutal forma de violência burguesa. Quando o país se encontra em ebulição social, com uma política desacreditada, especialmente se tratando de um governo reformista, o fascismo surge das entranhas do sistema capitalista para continuar impondo à sociedade sua agenda. Assim, a classe trabalhadora é silenciada pelos que estão acima dela, com uma parte inclusive sendo momentaneamente convencida pela solução messiânica fascista e com isso o capital impõe severas perdas aos mais pobres. Contudo, as incoerências desse movimento mostram uma fraqueza que pode representar esperança para os seus opositores. Pois é nessa hora que o proletariado deve se unir amplamente para derrotar tal horror e subverter a ordem vigente.

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, algumas pessoas podem ter acreditado que a experiência fascista jamais se repetiria. Todavia, a chegada do século XXI, especialmente a partir de sua segunda década, representa um novo fôlego para a extrema direita mundial que volta aos holofotes após chegar ao poder em diferentes países, sendo o caso do Brasil um dos mais emblemáticos, atraindo olhares de diversas partes do mundo. Essa nova onda é classificada por alguns autores como neofascista, tema que veremos a seguir.

1.2 O SÉCULO XXI E O NEOFASCISMO.

No final dos anos 2000, o sistema capitalista, assim como em outros momentos da história, produziu mais uma pesada crise econômica que atingiu diversos países e teve seu epicentro nos Estados Unidos da América. Como resultado, após a queda econômica, certas nações passaram a ver também em seu horizonte a instabilidade política e social. Aliado a isso, terríveis conflitos na África e no Oriente Médio levam um enorme contingente de pessoas a se deslocarem para outras regiões, especialmente para a Europa, criando-se também uma crise humanitária. Esse contexto, somado às particularidades de cada local, criou um ambiente propício para uma nova ofensiva autoritária, fazendo ascender assim o neofascismo.

Antes de mais nada vale ressaltar que os contemporâneos ao fascismo de Mussolini já previam que este seria um movimento que não seria único nem estático na história, podendo assumir diferentes facetas de acordo com as particularidades de cada país. Nesse sentido, Zetkin (2019, p.43) esclarece que:

É verdade que o fascismo tem características diferentes em cada país, devido a circunstâncias específicas. Independente disso, em toda parte possui dois traços essenciais: um programa revolucionário fraudulento, que se liga de forma extremamente esperta com os humores, interesses e necessidades de amplas camadas sociais; e o uso violento e brutal do terror.

Então, seria um equívoco pensar que nunca mais poderíamos estar sujeitos a uma ameaça dessa natureza, mesmo que, claro, em uma época bastante distinta daquela em que o fascismo surgiu. Uma vez que estamos tratando de algo mutável, podemos identificar qual é a nova roupagem desse movimento no momento atual e como ele se expressa no bolsonarismo. De acordo com Benjamin, Demier e Arcary (2020, p.150):

O neofascismo responde, em perspectiva internacional, ao agravamento da crise social em um contexto de longa estagnação econômica internacional, dez anos depois da crise de 2007-2008, e à intensificação das rivalidades no mercado mundial com um giro nacional-imperialista dos Estados Unidos sob Trump contra a China, que coloca no horizonte histórico, outra vez, o perigo de uma guerra mundial. O alinhamento incondicional de Bolsonaro com os Estados Unidos é um dos traços políticos fundamentais de sua estratégia.

Com essa explicação, podemos concluir que, para sair de um período de crise, o capitalismo recorre ao neofascismo, para que assim se possa impor uma agenda ultraneoliberal a qual busca-se retirar a maior quantidade possível de direitos dos cidadãos em nome de uma retomada do crescimento econômico. Isso também significa um retorno ao discurso nacionalista contra determinados inimigos que estariam “prejudicando” a economia do país. Esses inimigos podem ser estrangeiros, como imigrantes ou países em si, ou estarem dentro do próprio lugar,

na figura de comunistas, “esquerdistas”, feministas ou qualquer grupo que defenda pautas progressistas e referentes a “minorias”. Por fim, a aproximação entre Donald Trump e Jair Bolsonaro indica um alinhamento de nível global entre os líderes neofascistas. Um reflexo de um mundo cada vez mais globalizado e conectado, que leva tais figuras a compartilharem entre si suas estratégias políticas, a fim de implantar ideias semelhantes em outros locais, aumentando sua rede de aliados.

Outra característica marcante dessa extrema direita moderna é a destruição do sistema democrático liberal por dentro, utilizando inicialmente a via eleitoral comum para chegar ao poder. O imaginário popular muitas vezes associa o autoritarismo e as ditaduras apenas ao uso das forças armadas, como se apenas através dessas fosse possível estabelecer um governo autoritário. Cientes disso, os neofascistas atuais se colocam frequentemente como defensores da democracia e principalmente da liberdade, um discurso que seus partidários utilizam para rechaçar qualquer acusação que os ligue ao extremismo. Todavia, a liberdade que é defendida pelos extremistas de hoje é a que permite que os mesmos possam cometer todo tipo de preconceito e violência na sociedade sem sofrer nenhuma consequência. Já o movimento neofascista é aquela na qual todos os opositores são perseguidos e eliminados do jogo político. Os discordantes são apontados como “traidores da pátria”, falsos nacionalistas, podendo inclusive pagar por isso com a própria vida. Sobre isso, Benjamin, Demier e Arcary (2020, p.98), nos falam que:

A direita mais truculenta sabe que um golpe militar apoiado em tanques, que instaure uma ditadura como as dos anos 1960 e 1970, está fora de moda. Enfrentaria problemas, inclusive no plano internacional. Mas esta não é a única forma pela qual o autoritarismo pode chegar ao poder. Basta ver o exemplo de Hitler, que, a partir do cargo de primeiro-ministro que tinha alcançado de forma legal, instaurou a mais cruenta ditadura de que se tem notícia nos tempos modernos. Na atualidade, temos os exemplos de Viktor Orbán, na Hungria, e de Recep Erdogan, na Turquia. Ambos foram eleitos e implantaram regimes profundamente autoritários. Eles parecem ser o modelo de Bolsonaro.

Como citam os autores, existem diversos casos de figuras que chegaram ao comando do país de maneira legal, para logo depois usarem de seus cargos para implantar regimes condenáveis. Dessa forma podemos perceber que é um erro esperar que um governo se torne neofascista para só depois classificá-lo dessa maneira. Aqueles que possuem essas intenções logo deixam diversos indícios do que pretendem fazer se alcançarem o poder. Logo, o combate antecipado se mostra fundamental para aqueles que pretendem evitar a chegada do fascismo moderno ao poder.

No cenário internacional, o Brasil surge como um dos principais candidatos a ter um sistema neofascista a partir da ascensão do político Jair Messias Bolsonaro. O então deputado federal por mais de vinte anos conseguiu, através de um discurso demagógico, se vender como um candidato que era antissistema, que faria uma nova política. Atingindo assim os anseios de uma parcela da população que se encontrava revoltada com o sistema político após anos de governos comandados pelo Partido dos Trabalhadores e que tinham um caráter de conciliação de classe, em um processo complexo que iremos tratar no próximo capítulo. Sobre o bolsonarismo, é importante destacar desde já que, segundo Mattos (2020, p.91):

Do ponto de vista lógico, e como demonstram exemplos históricos, nada impede que um governo fascista, ou dirigido por um fascista, não evolua para um regime político fascista. Por outro lado, se há diferenças entre a “época dos fascismos” e o momento atual (este, inclusive é o ponto de partida da ideia de neofascismo), há também grandes distâncias entre as ditaduras militares, especialmente as latino-americanas, e o governo Bolsonaro. Afinal, todas elas ascenderam ao poder a partir de golpes militares e instalaram comandantes militares na chefia de Estado. Bolsonaro é um ex-capitão desligado de forma semicompulsória do Exército e chegou à Presidência pela via eleitoral [...].

No momento em que este trabalho está sendo escrito, na segunda metade do ano de 2022, no Brasil não temos um regime fascista, mas uma crise da “democracia” de 1985. Porém, Bolsonaro se encontra concorrendo à reeleição por mais quatro anos à frente da Presidência da República. Uma vitória do mesmo pode significar de fato uma mudança de regime, um processo que já teve início em 2018, com um forte aparelhamento do Estado e uma incessante busca por enfraquecer os poderes republicanos. Para que essa operação seja interrompida, é importante expor e classificar o projeto bolsonarista pelo que ele de fato representa, o neofascismo. Assim o distanciando das experiências ditatoriais vividas na América do Sul. Algo que, por ter estado presente no país em forma de uma ditadura militar que durou 21 anos e pela forma como o atual presidente evoca a memória do período, faz com que o mesmo possa ser associado a um mero ex-militar com desejos de reviver a experiência ditatorial pela qual o país já passou.

Utilizando o Brasil como exemplo, podemos identificar uma das principais características dos grupos neofascistas que é o uso massivo da internet, em especial das redes sociais, como forma de buscar influenciar a opinião pública, expressando livremente ideias controversas e criminosas. As disputas políticas que antes aconteciam predominantemente nas ruas, agora tem como um de seus principais campos de batalha o ciberespaço, com a população sendo constantemente bombardeada com diversas informações que podem ser verdadeiras ou não. Nesse sentido, tornou-se uma marca da tática de mobilização neofascista a utilização de

notícias falsas, ou como se popularizaram, as *fake news*. É através desse artifício que os extremistas conseguem prejudicar reputações, manipular eleições, influenciar a opinião pública, ocultar escândalos que envolvam seus partidários, entre outras ações perigosas. Então, não há como entender o neofascismo e o bolsonarismo sem observar o que acontece nas mídias sociais. Essa observação e análise é justamente uma das preocupações deste trabalho. Sobre a ideologia bolsonarista e as redes *online*, Mattos (2020, p.202) explicita que:

O cimento ideológico dessa base social do bolsonarismo foi justamente uma combinação, como demonstram as interações nas redes sociais, entre discursos anticorrupção/antipetismo; conservadorismo moral de fundo religioso, misógino e LGBTfóbico; liberalismo econômico; militarismo e pregação do tipo “bandido bom é bandido morto”.

Assim, a *internet* no país, ainda carecendo de uma maior vigilância por parte da justiça, virou um espaço no qual os seguidores de Jair Bolsonaro se sentem confortáveis para compartilhar sua ideologia, algo que é constantemente incentivado por seu líder, o qual também é usuário assíduo das ferramentas *online* como forma de comunicação com o povo. Esse processo se iniciou nos primeiros anos da década de 2010, quando as redes sociais foram usadas para articular protestos contra o governo da então presidente Dilma Rousseff. A partir de então, o discurso da extrema direita passou a proliferar nesses espaços, sendo eles os primeiros a dominar essa nova forma de fazer política.

Embora tenhamos a experiência nazi-fascista do século XX muito bem documentada e caracterizada, o que se vê na atualidade é a extrema direita igualmente com uma quantidade significativa de adeptos pelo mundo. Isso pode chocar e desolar aqueles que lutam por uma sociedade mais digna e igualitária, sem entender como novamente grandes parcelas das populações são atraídas para esse tipo de discurso. Entretanto, como já vimos, movimentos assim sempre podem surgir como alternativa do capitalismo para momentos de crise, tendo no mundo atual a *internet* como grande aliada para sua disseminação. Além disso, um componente muito presente em casos como o brasileiro é a normalização do discurso neofascista, subestimando qualquer ameaça nesse sentido, como nos explica Stanley (2020, p.181):

O que a normalização faz é transformar o que é moralmente extraordinário em ordinário. Isso nos torna capazes de tolerar o que antes era intolerável, fazendo parecer que é assim que as coisas sempre foram. Em contrapartida, a palavra “fascista” adquiriu um matiz de extremismo, como se fosse alarme falso. A normalização da ideologia fascista, por definição, faria com que as acusações de “fascismo” parecessem uma reação exagerada, mesmo em sociedades cujas normas estão se transformando com base nessas linhas preocupantes.

A aceitação do neofascismo na sociedade passa diretamente por esse processo moral, que envolve desqualificar quaisquer acusações sobre falas com teor fascista. Pelo contrário, o que se vê é que os novos líderes dessa extrema direita, por falarem abertamente todos os seus preconceitos e desejos violentos, são vistos com bons olhos por muitos, que enxergam essa forma de se expressar como autêntica e honesta, diferente dos políticos tradicionais que supostamente só saberiam falar mentiras para o povo. Isso leva os fascistas modernos a incorporarem essa justificativa ao seu discurso quando acusados, argumentando que qualquer fala reflete apenas seu jeito excessivamente sincero de falar. Por outro lado, a problemática da normalização também pode afetar os opositores dos extremistas, já que estes podem acabar subestimando as alegações de que aquilo que veem diante de si são neofascistas, levando-os a acreditar que se tratam de adversários comuns da política. Por essa razão, é fundamental expor esse inimigo de todas as formas possíveis e conscientizar aqueles que se coloquem contra tal ideologia do tamanho dessa ameaça e o que sua vitória representa para a humanidade.

Essa naturalização do discurso dos atuais fascistas pode ser explicada através do componente religioso na sua ideologia. Os mesmos, em países com grandes contingentes de cristãos, por exemplo, se colocam como defensores dos valores do cristianismo que estariam sendo ameaçados pelos planos maléficos de seus opositores esquerdistas. Tais valores envolvem principalmente a preservação da família patriarcal, o que leva a uma total abominação a qualquer discussão sobre identidade de gênero e orientação sexual. Stanley (2020, p.127) também descreve essa relação:

A propaganda fascista amplia esse medo ao sexualizar a ameaça do outro. Como a política fascista tem, na sua base, a tradicional família patriarcal, ela é naturalmente acompanhada de pânico sobre os desvios dessa família patriarcal. Transgêneros e homossexuais são usados para aumentar a ansiedade e o pânico sobre a ameaça aos papéis masculinos tradicionais

Conseqüentemente, ao se colocarem em uma verdadeira guerra santa pela preservação da moral cristã, branca e patriarcal na sociedade, os neofascistas têm muitas de suas falas preconceituosas suavizadas por seus seguidores, já que estariam apenas defendendo valores considerados importantes por eles. No entanto, essa atitude dá liberdade para a perseguição de todos aqueles que forem considerados diferentes dos padrões de cidadão estabelecidos pelo governo neofascista. Todo esse conteúdo é disseminado principalmente através de notícias falsas que podem inclusive chegar à população através das igrejas, com a fé sendo manipulada para criar um estado de pânico nos fiéis.

Assim sendo, notamos que de maneira semelhante ao surgimento do fascismo original, o neofascismo aparece em um período de crise econômica como alternativa do capital para a retomada da exploração dos trabalhadores. Mesmo que no século não haja uma ameaça revolucionária por parte do proletariado, os neofascistas resgatam tais conflitos argumentando sobre uma suposta ameaça comunista na atualidade, a qual para ser derrotada necessita que a população conceda todos os poderes possíveis aos líderes de extrema direita. Podemos então perceber que o objetivo dos fascistas de hoje é o mesmo daqueles que viveram cem anos atrás, oprimir por completo a classe trabalhadora. Agora, buscando destruir todas as conquistas trabalhistas que foram adquiridas após anos de lutas. Dessa forma, a burguesia mantém seus interesses intocados e seu lucro acima de tudo, enquanto os pobres cada vez mais precarizados, afundam na miséria. Por fim, a característica do reacionarismo, aliado a um forte componente anti-intelectual e discriminatório contra tudo aquilo que for julgado como diferente e anormal, podendo ter a religião como justificativa para tal, complementam a ideologia neofascista, que se coloca não só contra os avanços nos direitos do proletariado, mas contra os avanços da sociedade como um todo. Tudo isso, tendo as redes sociais como ponto chave, seja para disseminação de ideias, ataques de diversos tipos contra os que se colocam como oposição ou para organização e mobilização de suas hostes nas ruas.

CAPÍTULO 2. A CRISE DO LULISMO E A EXTREMA-DIREITA NAS RUAS: DE JUNHO DE 2013 ÀS ELEIÇÕES DE 2018

Apesar da grave crise do capitalismo em 2008 ter atingido fortemente muitos países, principalmente os Estados Unidos, seu epicentro, os efeitos desta não foram sentidos de imediato no Brasil. Nesse período, o país se encontrava no auge da política de conciliação de classes dos governos do PT, com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva gozando de imensa popularidade pelo sucesso do governo no plano econômico aliado aos avanços sociais que estavam ocorrendo. Portanto, mesmo com a conjuntura internacional desfavorável, havia um forte otimismo de que o Brasil se encontrava preparado para entrar em uma rota de progresso firme nos anos seguintes, capaz de superar a crise capitalista e obter ainda mais desenvolvimento.

O cenário começa a mudar após as eleições presidenciais de 2010, quando o presidente Lula conseguiu eleger sua sucessora, Dilma Rousseff. Durante o governo Dilma temos uma crise econômica com consequências sociais e uma crise política, uma crise de hegemonia lulista que não mais conseguia segurar a luta de classes. Os primeiros sinais sérios de dificuldade se iniciam quando os efeitos da recessão mundial atingem o Brasil, levando um enorme contingente populacional às ruas em junho de 2013. Entre os manifestantes, se vê o início da mobilização de setores da direita e extrema direita que ganharão destaque nos anos seguintes.

Mesmo com as dificuldades, Dilma conseguiu se reeleger para um segundo mandato em 2014. No entanto, o que se vê a partir de então é a crítica do sistema de representação da democracia liberal. A direita e a extrema direita se organizam a partir das redes sociais e conseguem mobilizar grandes quantidades de pessoas contra a presidência e contam com a ajuda preciosa dos principais veículos de mídia do país, os quais ajudam a rotular os petistas como corruptos, uma acusação que acaba sendo generalizada para a esquerda como um todo. Esse processo culmina com o golpe de 2016 o qual retira Dilma Rousseff da presidência e instaura um governo de viés totalmente neoliberal, chefiado por Michel Temer e livre para aprovar as reformas exigidas para a classe dominante seguir com seus altos lucros, desmontando quaisquer direitos obtidos pelos trabalhadores.

Como resultado, temos a eleição do neofascista Jair Bolsonaro em 2018. Ao ver que Temer possuía baixíssima popularidade, a burguesia desejava um governo neoliberal sem o traço fascistizante, contudo, diante do não crescimento a chamada “terceira via” ela apoia a candidatura de Jair Bolsonaro, gerando um governo ideologicamente afinado com o neofascismo que chegou ao poder a partir de falsas promessas messiânicas. Dessa forma, para

entender o período bolsonarista, é fundamental observar toda a sucessão de acontecimentos que se passaram entre 2013 e 2018. Uma crise que se inicia com a luta de classes expressa nos movimentos de massa que eclodiram no início desta segunda década do século XXI, não só pela direita, mas também pela esquerda através de fortes movimentos grevistas e os protestos populares exigindo melhorias no serviço público, gerando uma séria instabilidade política, que se une a recessão econômica e problemas sociais para criar as condições ideais para a ascensão do neofascismo no país, o que se confirma com a chegada de Bolsonaro ao poder.

2.1 AS JORNADAS DE JUNHO DE 2013

Com a proximidade da Copa do Mundo de futebol masculino em 2014, o Brasil, como sede do evento, vivia em 2013 um contexto de pesados investimentos em estádios e obras públicas por todo o país. Se, por um lado, se tratava de receber um grande evento referente ao esporte preferido da maioria dos brasileiros, por outro, os altos gastos para tornar isso possível não passaram despercebidos pela população e o tema da copa foi cercado de polêmicas no debate popular. O estopim para que uma grande quantidade de pessoas saísse de suas casas para protestar foi o aumento das passagens de transporte coletivo em algumas das grandes cidades do país em um movimento que ficou conhecido como “Jornadas de Junho”. Aqui podemos destacar o caráter popular dessa manifestação, que contou com ampla participação das camadas menos favorecidas, que além de pedir a redução no preço das passagens, exigia também melhoria nos serviços públicos de outras áreas como saúde e educação, mostrando uma diversidade de demandas, essas que são necessidades justamente dos mais pobres. A situação é descrita por Mattos (2020, p.148):

A perda de sustentação política do governo do PT, no entanto, já havia começado antes mesmo de os sintomas da crise capitalista terem se agravado no Brasil. Em junho de 2013, a partir de protestos contra a elevação dos preços das passagens de transporte urbano, no contexto da Copa das Confederações (Evento da FIFA preparatório para a Copa do Mundo de Futebol, que aconteceria no ano seguinte), milhões de brasileiros foram às ruas, numa onda de manifestações com pauta fragmentada e sem direção unificada. As chamadas “Jornadas de Junho” marcaram, de um lado a emergência de demandas populares por direitos universais - como melhoria dos sistemas públicos de saúde e educação - e por outro lado, um primeiro ensaio da ocupação de espaços políticos por parte de um setor organizado de direita, que se apresentou publicamente com pautas de combate a corrupção.

Ainda que muitas pessoas tenham ido aos protestos com demandas válidas e necessárias para a melhoria das condições de vida dos trabalhadores, conseguindo inclusive vitórias

relevantes, é importante ressaltar que, por se tratar de um momento com uma pauta diversificada e sem uma direção definida, facilitou a infiltração de setores da direita opostos ao governo, os quais aproveitaram para buscar liderar o processo e alterar a narrativa das manifestações, de forma que os favorecesse. Os maiores veículos de mídia se tornaram fortes aliados nesse sentido, já que inicialmente trataram os manifestantes como vândalos e baderneiros, mudando o tom com a chegada da direita ao movimento. Essa mudança fica clara quando são hostilizadas quaisquer cores ou bandeiras nos atos, principalmente as que representavam partidos de esquerda, para rotular aquilo que estava acontecendo como algo apartidário. Sobre isso, Melo (2016, p.70) nos diz que:

E é verdade que, na semana de 17 a 21 de junho, entre os milhões que saíram às ruas contra o aumento das passagens no transporte público, estavam muitos grupos de direita. E enquanto a esquerda (incluindo o Movimento Passe Livre [MPL]) era expulsa com suas bandeiras vermelhas naquela semana, uma multidão com as cores da seleção de futebol entoava o hino nacional em frente à sede da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). Como todos vimos, a direita se misturou à massa popular e disputou a direção do processo com a ajuda preciosa da mídia, que elevou à enésima potência a histeria contra partidos de esquerda e, mais importante de tudo, lhe deu uma agenda.

Assim sendo, o que temos em 2013 é algo bem diferente do que será visto nos anos seguintes no país, no que se refere a manifestações populares. Nesse primeiro momento, um movimento popular em busca de melhores condições sociais acaba tendo seu foco desviado por uma grande atuação da mídia hegemônica juntamente com grupos de direita oportunistas, que veem nesses acontecimentos uma oportunidade para gerar o embrião do que seriam os atos contra a administração de Dilma Rousseff posteriormente. Nesse cenário, forma-se a agenda anticorrupção que será usada como justificativa para protestar contra o PT e a esquerda. E não apenas isso, também aparece pela primeira vez o modelo que será replicado pelo neofascista Jair Bolsonaro para chegar ao poder, utilizando da estética verde-amarela, alegando ser um patriota apartidário e totalmente contra a corrupção.

Com as Jornadas de Junho, o petismo começa a perder sua hegemonia, que já durava mais de uma década ameaçada. Tantos anos no comando do país se justificavam pela habilidade em dar continuidade ao programa econômico iniciado pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, do PSDB, e assim manter os detentores de grandes fortunas satisfeitos. Essa atitude deixou a oposição, liderada principalmente então pelo PSDB, com poucas perspectivas de ocupar novamente a presidência, levando-os a aumentar a radicalização da disputa nas eleições de 2014, um ato que colocaria de vez a democracia brasileira sob ameaça.

2.2 A MOBILIZAÇÃO DA DIREITA E O GOLPE DE 2016

A chegada do período eleitoral de 2014 exacerba o clima de divisão e descontentamento que começou a se apresentar no ano anterior. O alto nível de desgaste faz com que a presidente Dilma Rousseff, mesmo sendo reeleita, não consiga ter uma maior estabilidade para governar. Isso ocorre pela conjunção de diversos fatores, como por exemplo o fato do partido derrotado, o PSDB, representado pela figura do candidato Aécio Neves, ter contestado o resultado desde o primeiro momento após o fim do pleito, dando margem para o levantamento de dúvidas sobre o sistema eleitoral, algo que não sairá mais do debate político nos anos seguintes. Segundo Laidler (2016, p.41):

A presidenta foi reconduzida muito desgastada politicamente por uma confluência de crises que foram aprofundadas pela campanha política. [...] O clima político tornou-se mais instável, a coalizão de governo menos responsiva, e as opções políticas adotadas no caminho da conciliação aprofundaram a crise econômica e afastaram a presidenta de seu programa.

O desgaste político de uma eleição bastante acirrada e os resultados econômicos ruins que começam a aparecer com os efeitos da crise mundial fazem com que Dilma, a fim de manter a política conciliatória do seu partido, passe a adotar medidas que visavam agradar os grupos econômicos burgueses, que agora demandavam cortes nos gastos do Estado. Todavia, ao buscar agradar os setores mais privilegiados, a presidente acaba afastando seu partido das suas bases sociais, justamente aqueles que mais sofrem com uma política de cortes no orçamento. Também vê as classes médias passarem a ser amplamente cooptadas pela oposição. Essas que em boa parte tiveram seu poder aquisitivo aumentado no período petista, mas que agora enfrentavam algumas dificuldades com o cenário econômico desfavorável e eram manipuladas pelas promessas dos opositores à direita de retorno ao seu status de privilegiados perante os mais pobres.

No entanto, não é possível explicar a escalada brasileira rumo ao neofascismo sem citar a Operação Lava Jato. A ação, deflagrada em 2014, comandada por uma parceria entre a Polícia Federal e o Ministério Público Federal, inicialmente investigou casos de desvios de dinheiro público da estatal petrolífera brasileira Petrobras e posteriormente também em outras áreas do Estado, prendendo e condenando diversas pessoas ligadas a diferentes partidos. Aqueles que olharem superficialmente, podem ter uma impressão positiva desse trabalho, já que se trata de uma ação de combate à corrupção, tema que sempre esteve no centro do debate político do Brasil republicano. Mas, ocorre que a operação foi marcada por controvérsias, principalmente ligadas a forma de atuação dos investigadores e a aparente parcialidade das acusações,

problemas que eram ainda mais amplificadas com o auxílio de uma ampla cobertura da mídia tradicional, que deu todo o suporte a narrativa que os juízes e procuradores se propuseram a elaborar.

O cenário dentro da investigação na verdade, não era tão imparcial quanto se imaginava, pois, “Com a ascensão de um grupo altamente adestrado e ideologizado de promotores e juízes, em parceria deliberada com a grande mídia, estava montado o cenário para a criminalização do petismo (e da esquerda)” (MORETZSOHN 2016, p.130). Como apresentado por Moretzsohn, o viés pelo qual a Lava Jato foi contaminada acabou representando o início de uma verdadeira criminalização do Partido dos Trabalhadores que reverberou também por todo o campo da esquerda. Esses membros do judiciário se colocaram praticamente em uma missão divina, uma luta do bem contra o mal, e este último, para eles se tratava do PT. Entre a equipe, se destaca o juiz de primeira instância Sérgio Moro, que se mostrará no futuro uma figura fundamental para que Jair Bolsonaro consiga se eleger presidente, tornando-se um aliado de primeira ordem do projeto neofascista nacional. Moro se notabiliza pela relação com a imprensa, comandando uma verdadeira espetacularização da Lava Jato, municiando os veículos com diversas informações dos processos para que os mesmos em seus espaços criem o ambiente de demonização do PT e especialmente do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, maior líder do campo progressista e igualmente maior alvo dos membros da operação, que visavam sua prisão a qualquer custo, mesmo não conseguindo obter provas de sua participação nos esquemas de corrupção. Aqui também os canais midiáticos têm papel decisivo, visto que constantemente amplificaram qualquer notícia que envolvesse Lula, promovendo na mente da população a ideia de que ele seria o chefe do maior esquema de corrupção da história da nação.

Consequentemente, a formação da ideia de que o então governo petista de Dilma Rousseff representava a corrupção forneceu a pauta necessária para que a direita se organizasse a fim de tomar as ruas. Os anos de 2015 e 2016 são marcados por diversas manifestações compostas não só pela direita liberal opositora tradicional, mas também por todos os tipos de grupos reacionários extremistas que encontraram no momento uma oportunidade para se expressar. Além da ampla cobertura da Operação Lava Jato, a mídia também deu atenção especial a esses protestos, como por exemplo a Rede Globo, principal canal de televisão do país que transmitia ao vivo alguns dos atos, ajudando a criar o clima de convulsão social no país, com a anticorrupção como justificativa. Demier (2016, p.53) nos fala que:

As manifestações em questão podem ser descritas, portanto, como atos liderados pela oposição de direita. Foram convocados por ela, organizados por ela e dirigidos programaticamente por ela, a ala *hard* do neoliberalismo brasileiro e polo direito do regime *democrático-blindado* do país. Sob sua

égide, ainda que com relativa autonomia, marcharam diversos grupos reacionários exóticos e toda uma vasta fauna proveniente dos estratos médios conservadores semiletrados [...].

Esse novo momento de organização da direita no país acaba representando a volta desse espectro ideológico aos espaços públicos após cinquenta anos. Tal característica serve justamente para marcarmos uma diferença fundamental entre o período em questão e a ditadura militar brasileira, tendo em vista que o governo ditatorial era totalmente desmobilizador. Melo (2016, p.67) afirma que:

Há cinquenta anos a direita não sabia o que é fazer mobilização de massas, porque suas opções estratégicas foram fundamentalmente antimobilizadoras. A ditadura militar foi um regime antimobilizador e também por isso não pode ser caracterizado como uma experiência fascista.

Por isso, apesar de Jair Bolsonaro se tratar de um ex-militar que frequentemente faz apologia à época da ditadura no Brasil, é um erro colocá-lo apenas como alguém que deseja repetir essa experiência no país, já que seus métodos se assemelham muito mais aos do fascismo do que aos de um regime ditatorial sul americano comum. Nesse sentido, as manifestações que ocorrem a partir de 2015 dão o tom de como se organizam as movimentações neofascistas no século XXI. O segredo se encontra na *internet*, com as lideranças manipulando e disparando ordens para seus seguidores através das redes sociais. A partir de então, estas acabam sendo a ferramenta fundamental não só para organizar as passeatas, mas também para servir como a fonte de informação confiável para os seguidores, ajudando assim a alinhar o discurso durante as aglomerações.

Com os protestos organizados acontecendo durante todo o ano de 2015 e tendo o apoio da grande mídia e setores do judiciário, a burguesia para qual o PT se empenhava em agradar, o abandona, sem acreditar mais ser possível manter o modelo de gestão conciliador entre as classes que vigorou a partir de 2003. A situação de crise econômica também aumentava a necessidade dos mais ricos de derrubarem o governo da presidente reeleita, para que suas demandas liberais fossem totalmente atendidas, sem o obstáculo das preocupações sociais do Partido dos Trabalhadores. Dessa forma, no segundo semestre de 2016, Dilma sofreu um impeachment articulado por muitos políticos e partidos que até pouco tempo eram aliados, com destaque para o PMDB, do seu vice-presidente Michel Temer, que assumiu então a cadeira presidencial. O argumento para o êxito do processo foi o de que a governante teria cometido crime de responsabilidade através das chamadas “pedaladas fiscais”, algo que nunca foi bem explicado para a população, deixando claro que se tratava apenas de uma mera desculpa para

derrubar a administração petista. Prova disso é o fato de que tempos depois do impeachment, os processos contra Dilma a respeito das ditas pedaladas foram extinguidos por órgãos de fiscalização como o Tribunal de Contas da União. A situação é resumida por Mattos (2020, p.159):

Com o avanço da crise econômica, a avaliação das diversas frações da burguesia parece ter sido, crescentemente, a de que o governo do PT não só já não era capaz de garantir a paz social, como também não teria capacidade de levar adiante a agenda de cortes nos gastos públicos e retirada de direitos no ritmo e na profundidade que o grande capital passava a exigir. Assim, ao longo de 2015, cresceram, com apoio burguês, as manifestações anticorrupção e contrárias ao governo, convocadas e mobilizadas por novas organizações de direita, que emergiram depois das Jornadas de Junho.

No capítulo anterior, vimos que ao sinal de instabilidade, a classe dominante age rapidamente para garantir seus interesses, podendo facilmente substituir governos para que as políticas desejadas sejam totalmente aplicadas. Apesar dos acenos a esse grupo, o PT por sua história, ideologia e agenda eleita em 2014, representava uma resistência à adesão de medidas totalmente liberais, então foi necessário mudar. É dessa maneira que surge a presidência de Temer, o qual antes mesmo de assumir o cargo já divulgava amplamente seu futuro programa de trabalho, totalmente alinhado com aquilo que desejavam os setores mais ricos do país. O novo presidente foi apresentado pela mídia hegemônica como a solução para a crise, propondo as reformas que supostamente seriam necessárias para salvar a economia do país. Conforme dito por Paulani (2019, p.54):

O governo de ocupação de Temer tratou de aprovar uma série de medidas capazes de colocar a economia nos trilhos de um programa liberal puro, sem os arroubos sociais dos governos do PT. Além da famigerada PEC que congelou o crescimento dos gastos sociais por vinte anos e que se transformou na EC-95, aprovou-se, entre outras, a reforma trabalhista, atingindo a vetusta CLT e a lei da terceirização, jogando água no mesmo moinho da precarização do trabalho.

Portanto, logo ficou claro que os atos dessa nova presidência estariam voltados para a retirada da maior quantidade de direitos possível dos trabalhadores e também para o esvaziamento dos investimentos sociais. Esse momento representa uma etapa da ação burguesa na qual ainda não é necessária a adesão a um projeto fascistizante para que seu controle econômico seja mantido, com Michel Temer tendo apoio político suficiente para fazer avançar o projeto capitalista. Todavia, o então presidente desde o início de seu mandato gozou de baixíssima popularidade entre a população em geral, o que gerava tensões sociais diante das

medidas governamentais, com o grito de “fora Temer” se tornando cada vez mais popular. Se os anos anteriores foram marcados por algumas greves importantes em diferentes setores, em 2017 o Brasil vive um momento de auge da indignação popular contra o corte de direitos, com a realização de um dia de greve geral que se tornou a maior manifestação da história dos trabalhadores brasileiros. Mattos (2020, p.155) descreve a situação da seguinte forma:

Com certeza, o crescimento do número de greves nos anos anteriores serviu de estímulo e deu condições para a convocação, em 28 de abril de 2017, de uma greve geral contra as propostas de retirada de direitos do governo Temer (especialmente a reforma trabalhista e a da previdência), que foi bem-sucedida em paralisar cerca de 40 milhões de trabalhadores pelo país, constituindo, em números absolutos, na maior paralisação de trabalhadores da história do país [...].

A revolta dos trabalhadores diante da agenda liberal expos um fator preocupante para a burguesia, a impopularidade de suas medidas em um período no qual o país se aproximava de uma nova eleição presidencial em 2018, tendo o ex-presidente Lula como grande favorito na disputa. Isso constitui um grande problema para as elites financeiras, visto que o odiado Temer jamais teria qualquer chance de reeleição e o candidato cotado para vencer representava a volta do projeto reformista que acabara de ser removido do poder. Então, para o ano de 2018, a solução encontrada pelo capital para manipular as massas a favor do seu projeto foi recorrer ao neofascismo liderado por Jair Bolsonaro e tendo na figura do futuro ministro da economia Paulo Guedes a garantia de que caso a chapa fosse eleita, daria continuidade às reformas econômicas que vinham acontecendo.

2.3 2018 E A ELEIÇÃO DE JAIR BOLSONARO

Para assegurar a vitória nas eleições, antes de mais nada era necessário minar as chances da volta de Lula ao poder. Ações visando esse objetivo ocorreram ao mesmo tempo em que a presidente Dilma Rousseff sofria o golpe contra sua administração. Com a Lava Jato tendo Lula como alvo principal, mas com dificuldades de encontrar quaisquer provas concretas de corrupção contra o mesmo, a mídia tradicional ficou responsável por dar uma dimensão muito maior a qualquer nova história que surgisse a respeito do ex-presidente. Em decorrência disso, além da criminalização da esquerda, tivemos uma ampla criminalização de Lula, colocando-o como a própria corrupção encarnada, um pensamento que acabou ocupando a mente de muitos cidadãos brasileiros.

Entretanto, mesmo com toda a perseguição midiática, ele aparecia liderando as pesquisas de intenção de voto no início de 2018. Assim sendo, a única maneira de impedir a volta do petismo era encarcerar seu maior líder o quanto antes e foi o que aconteceu na sequência. Em um processo extremamente questionável, o juiz Sérgio Moro condenou Lula em primeira instância e sua decisão foi seguida nas cortes superiores até que a prisão fosse decretada. Na época, Moro se colocava como um verdadeiro herói nacional apenas a serviço da justiça e da lei, tendo uma parceria íntima com parte da imprensa que ajudava a propagar essa sua imagem. Posteriormente, ficou claro que o magistrado estava servindo a um projeto político e pessoal, com o mesmo assumindo o cargo de ministro da justiça no governo Bolsonaro. Após a prisão de Lula, o caminho ficou livre para o crescimento do bolsonarismo fascitizante rumo à vitória eleitoral. Sobre essa questão, Demier (2020, p.42) comenta que:

Partido da concertação social por excelência, o Partido dos Trabalhadores e seu líder máximo, Lula, tiveram de ser retirados celereamente do jogo político, e todos os meios necessários para isso, legais ou ilegais, foram usados. Depois do Golpe, as amarras constitucionais foram rompidas, os pudores democráticos foram dispensados e, para a burguesia, tudo parecia então ser possível. O seu desejo anda solto e seu flerte com o fascismo já não é só virtual.

A prisão de Lula poucos meses antes do período eleitoral simboliza o auge do poder burguês e dos acontecimentos que tiveram início em Junho de 2013. Assim como no fascismo clássico, no Brasil do século XXI as camadas de cima aderiram e ajudaram o movimento fascista a chegar ao poder e assim como em outros casos, procurou-se dar uma aparência democrática a essa chegada. No entanto, com o país vivendo um momento de grande influência dos meios digitais no que se refere a manipulação das massas, a campanha bolsonarista concentra seus maiores esforços nesse campo. Através da internet, o então candidato e seu grupo disseminam diversos tipos de notícias falsas que conseguem ser efetivas em minar seus concorrentes, principalmente o Partido dos Trabalhadores. As ferramentas *online* também seguem com a importante função de organização das manifestações em demonstração de apoio ao representante da extrema direita. Tudo isso, inspirados na campanha que levou à deposição de Dilma Rousseff e na vitória eleitoral do neofascista Donald Trump dois anos antes nos Estados Unidos, seguindo justamente esta estratégia focada na disseminação de desinformação *online*. Conforme dito por Manso (2020, p. 286):

As campanhas virais que impulsionam o impeachment de Dilma Rousseff no Brasil e o sucesso eleitoral de Trump seriam a inspiração da campanha digital

que elegeria Bolsonaro presidente. A possibilidade de manipular a revolta das massas nunca havia sido tão acessível.

É através dessas campanhas virais em diversos meios de comunicação que o bolsonarismo conquista amplo apoio na classe média, um eleitorado que abraçou o discurso de ódio a esquerda e ao PT, buscando manter qualquer mínimo privilégio diante dos mais pobres, que não deveriam ascender socialmente de maneira alguma, nem com um lento reformismo. Mas, vale ressaltar que essa estratégia também atingiu setores populares, os quais desejavam mudanças e já não se viam mais representados pelo petismo e pela esquerda agora demonizados. Como resultado, a burguesia consegue aquilo que desejava, um candidato capaz de construir um movimento de massas, penetrando nos diversos estratos sociais, inclusive com uma parcela de seus eleitores rapidamente se tornando fanáticos dispostos a tudo por ele. Assim se garantia a continuidade do enfraquecimento e empobrecimento do proletariado do Brasil. Essa ideia é bem explicada por Arcary (2020, p.148) quando comenta que:

A estratégia eleitoral do bolsonarismo é transformar sua vitória política-eleitoral, de 2018, em uma derrota histórica da classe trabalhadora brasileira, imobilizando sua capacidade de luta por um longo período, como fez a contrarrevolução de 1964. Esse confronto é necessário para os ajustes econômico-sociais que pretende impor.

Aqui temos um dos grandes pontos de intersecção entre o passado e o presente quando pensamos em fascismo. Se no século passado, o nazi-fascismo ascendeu em um momento de crise econômica, política e social, como uma forma de sufocar as lutas da classe trabalhadora, perseguindo movimentos políticos e sociais e garantindo a continuidade da hegemonia burguesa, nos algo que podemos perceber no mundo contemporâneo, em que pese o contexto histórico seja outro. Bolsonaro ao se colocar como um verdadeiro messias, que viria para mudar tudo, acabar com todos os males da política e salvar o Brasil com sua moralização, acaba se popularizando, principalmente entre a burguesia e a classe média, setores rancorosos com a perda de privilégios após o período de crise econômica, mas também se infiltrando na classe trabalhadora, a qual busca dividir para que esses não tenham reação contra suas medidas neoliberais que visam precarizar o trabalho ao máximo, garantindo grandes lucros para os detentores dos meios de produção.

Desse modo, podemos observar que desde 2013, com os primeiros sinais de instabilidade na economia e insatisfação na sociedade, teve início no Brasil um processo de deterioração de sua democracia liberal. As Jornadas de Junho que se iniciaram com reivindicações válidas da população a respeito do fornecimento de melhores serviços por parte

do Estado logo tiveram suas fileiras infiltradas pela direita e extrema direita que se aproveitaram do momento para atacar e iniciar sua trajetória rumo à fascistização. Como resposta às demandas populares que se expressavam através de greves e atos nas ruas, a classe burguesa age rápido para assegurar seus interesses, sem nenhum apego a qualquer legalidade ou ritos constitucionais. Para que a derrota dos trabalhadores fosse assegurada, não houve qualquer problema em criar e alimentar um movimento neofascista no país, este que atuando majoritariamente através de milícias online conseguiu enganar e cooptar parte significativa dos brasileiros, despertando um sentimento que até então parecia superado com o fim da ditadura militar. Contudo, Jair Bolsonaro representa não apenas o mero autoritarismo militar, mas também tudo que há de mais sórdido na humanidade atual, conseguindo unir em torno de si diferentes grupos extremistas e golpistas que vão desde militares, empresários, negacionistas reacionários e religiosos cristãos fundamentalistas. Em nome do capitalismo o país foi mergulhado no atraso, resta saber até quando a ameaça bolsonarista irá pairar sobre a política brasileira depois de ter recebido tanta ajuda para se desenvolver.

CAPÍTULO 3. MOVIMENTAÇÃO DE MASSA NAS RUAS E NAS REDES SOCIAIS

Considerando que Bolsonaro de fato seja neofascista, o presente capítulo procura expor e analisar, através das publicações do então presidente na rede social Twitter, a qual o político é extremamente atuante, alimentando-a quase diariamente durante todo o seu período como chefe do Estado brasileiro. Ao longo das postagens observadas, será possível notar explicitamente como

funciona o neofascismo bolsonarista, como ele se apresenta na internet, sua principal área de atuação e de que forma os acontecimentos que ocorreram no Brasil entre 2019 e 2022 afetaram as ações do governo bolsonarista.

Do mesmo modo, se busca expor o resultado da degeneração da democracia brasileira e do crescimento de uma onda fascizante que discutimos no segundo capítulo, algo iniciado a partir dos efeitos da crise econômica mundial de 2008 e que culmina com um neofascista de fato governando o país. Nesse meio tempo, também é possível reparar na relação de Jair Bolsonaro com suas bases sociais na pequena e média burguesia, mas também entre os cristãos evangélicos e como ele tenta fazer avançar no país o projeto de extrema-direita que prometeu a aqueles que o apoiaram.

Isso significa que, a partir de 2019, o então presidente sistematicamente se coloca em uma cruzada contra uma oposição que generaliza como “esquerda”, que estaria tentando destruir o país através de ideias como a “ideologia de gênero” e o “marxismo cultural”, ressuscitando a velha ideia fascista de uma suposta ameaça comunista em curso. Ao mesmo tempo, são frequentes os ataques aos veículos midiáticos que publicam qualquer tipo de crítica às ações governamentais, sendo tratados como mentirosos e inimigos da nação. Dessa forma, Bolsonaro busca a radicalização de seu movimento, colocando esse como o único caminho para a verdade. Esse radicalismo é incentivado constantemente, tentando manter as bases mobilizadas nas ruas e nas redes para que os opositores temam a organização, chegando inclusive a se mobilizarem para realmente ameaçar um golpe em determinado momento. Esse tipo de movimentação se difere do que é visto historicamente no fascismo, que se mobilizou principalmente através de um partido, o que não ocorre no Brasil pois Bolsonaro se elege por uma agremiação de aluguel que tinha até então pouca representatividade nacional, o Partido Social Liberal e posteriormente abandona a ideia de construir de fato o seu próprio partido tradicional, que se chamaria Aliança pelo Brasil.

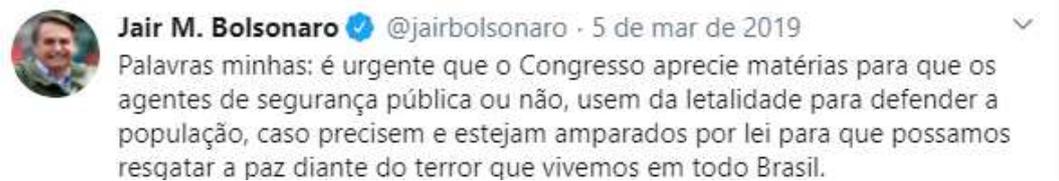
Veremos na prática outras semelhanças e diferenças do fascismo clássico para o neofascismo do século XXI. No que se refere às diferenças, talvez a mais notável e que traga mais impactos a população brasileira e mundial seja a aliança entre neoliberais e neofascistas, algo que ocorre no Brasil após o neoliberalismo não conseguir emplacar seu candidato nas eleições de 2018 e embarcar com força na onda bolsonarista. Isso se reflete nas políticas contra a classe trabalhadora, que vê seus direitos ainda mais atacados e sua população morta e perseguida pelo Estado de violência que também se agrava na nação.

Não é possível falar do período bolsonarista no governo sem falarmos da pandemia mundial de Covid-19 e seus efeitos devastadores para o país. Uma tragédia que se amplifica principalmente graças a ação neofascista de Jair Bolsonaro, o qual cruelmente negligencia o combate ao vírus de tal forma que mais de 600 mil brasileiros morrem contraindo a doença, o que mostra o quão destrutivo pode ser para um país ter um presidente alinhado a essa ideologia. Mas antes disso, vamos ao seu primeiro ano de governo, em 2019.

3.1 2019 E O PRIMEIRO ANO DE GOVERNO

No início de sua trajetória no mais alto cargo da república brasileira, Bolsonaro buscou usar seu Twitter para apresentar os projetos que seriam sua prioridade durante os primeiros meses governando. Tendo defendido durante a campanha eleitoral pautas reacionárias, violentas e preconceituosas, é natural deduzir que seus primeiros atos enquanto presidente foram voltados para esses assuntos. Assim, buscou agradar aqueles que o elegeu, mostrando rapidamente disposição para levar adiante a implementação da agenda neofascista no país.

Figura 1 - publicação do presidente Bolsonaro defendendo mais letalidade na área da segurança



Fonte: Perfil de Jair Bolsonaro no Twitter¹

Em sua eleição, uma das suas principais bandeiras foi a apologia da violência através da defesa do armamento livre da população e do direito das forças de segurança de usarem a letalidade sem sofrerem maiores consequências jurídicas. Na prática, isso significou o desejo de promover uma verdadeira guerra civil em solo brasileiro, tendo as classes mais pobres como grandes vítimas. Os ricos com dinheiro para se armar como bem entendessem e a polícia livre para matar de maneira inconsequente, atingiriam diretamente as populações mais marginalizadas, em especial os jovens negros que diariamente sofrem abordagens violentas por parte dos policiais. Como resultado, temos além de uma política voltada para a morte, uma política altamente racista. Conforme dito por Manso (2020, p.274):

Bolsonaro e sua família são representantes ideológicos de uma cultura miliciana que se fortaleceu no Rio e chegou à presidência do Brasil. Defender

¹ Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1102984499070226432>. Acesso em: 18 de novembro, 2022.

extermínios, seu pensamento dizia, era lutar como um patriota pela missão de livrar o Brasil do mal. Desde que enxergou essa sua verdade muitos anos atrás, libertou-se de freios morais e passou a pregar a violência abertamente. Coube a Bolsonaro e a seus comensais da morte agir em defesa dessas crenças, levantando a bandeira da ideologia paramilitar contra as instituições da Nova República, que simbolizavam aquilo que deveria ser destruído.

As falas belicosas de Bolsonaro são um reflexo direto das origens políticas do mesmo, sendo um ex-capitão do exército e possuindo em seus anos como deputado uma íntima ligação com grupos milicianos do Rio de Janeiro, esses em boa parte formados por policiais e ex-policiais. Logo, o presidente e seus familiares ao longo dos anos se especializaram na defesa dos atos violentos praticados por esses grupos em troca de apoio político nas áreas controladas pelos mesmos. Também, chegando inclusive a empregar em seus gabinetes pessoas ligadas aos líderes criminosos. Em um momento em que o país passava por muita insegurança econômica e social, Bolsonaro surge então com um discurso salvador de que iria garantir a tranquilidade de todos aqueles que fossem considerados “cidadãos de bem”, exterminando “bandidos” e liberando a aquisição de armas para todos aqueles que pudessem pagar por elas. O que passou despercebido por muitos eleitores foi justamente o fato de que um dos principais alvos desse extermínio na verdade são justamente as classes mais pobres.

Ao desenvolver um programa voltado para a proteção das ações letais praticadas pelas forças do Estado que deveriam proteger a população, o bolsonarismo busca consolidar uma base policial e miliciano para ajudá-lo caso o mesmo buscasse de fato instaurar um regime autoritário no país. Se tratando de um grupo que já possui apoio entre militares reacionários e órfãos da ditadura, a conquista das corporações policiais em nível nacional se apresenta como ponto fundamental para solidificar a posição de comando e difusão da violência pelo país. Sobre o papel da polícia no bolsonarismo, Mattos (2020, p.228) explica que:

Desse ponto de vista, se nos regimes fascistas históricos, como propõe Poulantzas, o papel preponderante na direção do aparelho de Estado coube à polícia política, caso Bolsonaro consiga caminhar na direção de um regime de força, não se apoiará apenas nas forças armadas regulares, mas também e especialmente nas polícias militares e nas forças milicianas a elas, em alguma medida, articuladas.

Com isso, podemos notar o papel relevante que um apoio policial teria em uma eventual tentativa de Bolsonaro de levar o país rumo ao autoritarismo. Assim, se justifica sua tentativa de buscar agradar aos policiais desde o início de seu mandato, prometendo lutar pelo direito das

forças de segurança de matar livremente, algo que no futuro poderia ser usado pelo mesmo como vantagem para impor através da violência seu regime neofascista.

Outro ponto de muita importância para o então presidente é o seu programa econômico ultraneoliberal. Como o mesmo foi eleito com grande apoio entre a classe empresarial e com a figura de seu ministro da economia Paulo Guedes sendo um dos grandes destaques da sua campanha entre esses apoiadores, criou-se uma expectativa de que rapidamente a nova administração daria sequência ao forte processo de retirada de direitos e aumento da exploração dos trabalhadores iniciado no governo Michel Temer. Bolsonaro logo foi ao Twitter demonstrar seus desejos a respeito disso.

Figura 2 - publicação do presidente Bolsonaro explicando fala a favor do trabalho infantil



Fonte: Perfil de Jair Bolsonaro no Twitter²

Além de buscar exterminar a população mais pobre, Jair Bolsonaro deixa bem claro que busca também a superexploração dessa parcela da sociedade. Ele se mostra favorável a algo que já há muito tempo é condenável no mundo moderno, que é o trabalho infantil³. Este sendo, inclusive, proibido pela constituição federal. Todavia, mesmo com a ampla visão negativa existente a respeito desse tema, o presidente se mostra favorável e argumenta que se trata apenas de um incentivo ao trabalho e à disciplina. O trabalho é um ponto muito importante para ideologias de cunho fascista, como nos revela Stanley (2020, p.153):

Na ideologia fascista, em tempos de crise e necessidade, o Estado reserva apoio para membros da nação escolhida, para “nós” e não para “eles”. A justificativa é invariavelmente porque “eles” são preguiçosos, carecem de uma ética de trabalho, e não lhes podem ser confiados fundos estatais, além do que “eles” são criminosos e querem viver somente da generosidade do Estado. Na política, “eles” podem ser curados da preguiça e do roubo com trabalho duro.

² Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1147211166009253888> . Acesso em: 19 de novembro. 2022.

³ FERNANDES, Talita. Em live, Bolsonaro ignora reforma da previdência e defende trabalho infantil. Folha de São Paulo. 4 jul. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/07/em-live-bolsonaro-ignora-reforma-da-previdencia-e-defende-trabalho-infantil.shtml>. Acesso em: 19 de novembro. 2022.

Tendo o bolsonarismo surgido para garantir a continuidade da hegemonia neoliberal nas práticas governamentais brasileiras, este conseqüentemente tem as classes subalternas como um inimigo a ser subjugado. Os anos de políticas sociais proporcionadas pelos governos petistas são condenados justamente como o modelo que levou o povo mais pobre à preguiça e à criminalidade, acostumados com a ajuda financeira do Estado. Então, o neofascismo brasileiro propõe o mínimo de ajuda estatal possível, pois os que mais necessitam devem aprender que só podem conquistar qualquer melhora através do trabalho e esforço individual. Ao defender que crianças e adolescentes trabalhem, o líder neofascista escancara o caráter elitista de seu mandato, visto que tal prática, se liberada, atingiria diretamente aqueles que já nascem em condições precárias, os quais desde cedo sentem a necessidade de buscar algum sustento. Enquanto isso, esse tipo de proposta em nada afeta os filhos da burguesia, pois estes possuem todas as condições para viver adequadamente cada fase de suas vidas, podendo quando jovens se dedicar apenas a estudar, brincar e se desenvolver naturalmente, um direito que toda criança deveria poder usufruir no país.

Jair Bolsonaro se mostra desde o princípio de seus dias na presidência disposto a tudo para retribuir o auxílio que o grande capital lhe concedeu em sua eleição. Sobre essa relação, conforme dito por Marconsin e Caetano (2019, p.177), “o governo Bolsonaro, no que se refere aos direitos do trabalho, se apresenta como um governo “puro sangue” do capital; disposto a tudo representá-lo e fazer valer seus interesses”. Ao buscar de diversas formas precarizar a vida dos trabalhadores, o presidente mostra o quão de fato governaria como representante do capital.

Ainda no ano de 2019, Bolsonaro também procurou esclarecer que logo trataria de elaborar projetos de lei voltados para a satisfação do núcleo mais ideológico de sua base, aqueles que amparam muitas de suas crenças em teorias da conspiração, notícias falsas e fundamentalismo cristão. O principal objeto de desejo desse setor se encontra na área da educação, visando o início de um programa de doutrinação que permitisse alinhar os estudantes com o pensamento bolsonarista e ao mesmo tempo combater inimigos imaginários criados por eles, como a chamada “ideologia de gênero”.

Figura 3 - publicação do presidente Bolsonaro sobre proibir a “ideologia de gênero”



Jair M. Bolsonaro ✓
@jairbolsonaro

O AGU se manifesta sobre quem compete legislar sobre IDEOLOGIA DE GÊNERO, sendo competência FEDERAL. Determinei ao @MEC_Comunicacao , visando princípio da proteção integral da CRIANÇA, previsto na Constituição, preparar PL que proíba ideologia de gênero no ensino fundamental.

10:09 AM · 3 de set de 2019 · Twitter for iPhone

Fonte: Perfil de Jair Bolsonaro no Twitter⁴

Utilizando como justificativa a proteção das crianças, como se houvesse no momento uma grande ameaça pairando sobre a educação delas, Bolsonaro avisa que já havia ordenado ao ministério da educação a criação de um projeto de lei que proibisse a “ideologia de gênero” no ensino fundamental. Essa fala expressa muito mais do que aparenta inicialmente, pois tal proibição representa o início do claro plano de perseguição a educadores e busca por uma disseminação de uma cultura de preconceito nas escolas brasileiras. No momento em questão, o ministério educacional estava sendo comandado por Abraham Weintraub, o qual se apresentou como um dos membros mais extremistas do governo, um soldado com a missão de fazer o patrulhamento ideológico na área da educação. Segundo Sena Júnior (2019, p.213):

Weintraub resolveu, com o incentivo de seu chefe, que a sua principal tarefa é intensificar a guerra contra professores, especialmente os da área de ciências humanas. Para o ministro da Educação de Bolsonaro, que parece não entender bem a dimensão ultraideológica do discurso que pratica, porque acha que ideologia é apenas aquilo que foi feito nos governos do PT, as questões polêmicas que ele se propõe a resolver talvez sejam aquelas que se relacionam aos direitos humanos, à igualdade de gênero, ao combate à intolerância, ao machismo, ao racismo e à LGBTfobia [...].

Dessa maneira, temos um cenário em que o bolsonarismo expressa claramente seu autoritarismo. Essa guerra ideológica significa retirar de cena profissionais que se mostrem contrários às ideias neofascistas, sendo estes acusados de atentar contra a vida das crianças brasileiras. Mais do que isso, esse projeto associa a tentativa de fazer mal aos estudantes com o pensamento de esquerda, em uma busca por eliminar da escola qualquer tipo de viés progressista.

⁴ Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1168873702668345345>. Acesso em: 20 de novembro. 2022.

O exemplo da perseguição à "ideologia de gênero" ainda representa a tentativa de formar jovens preconceituosos que tenham repulsa a qualquer discussão sobre a temática de gênero, um debate que vem ganhando cada vez mais espaço no século XXI e que se mostra muito necessário para o avançar da sociedade. Ao buscar bloquear esse assunto em sala de aula, Bolsonaro demonstra todo seu preconceito e ignorância, características que ao serem aplicadas na educação podem trazer danos difíceis de reparar.

Implementar esse tipo de agenda representa igualmente um grande risco social para o país, um verdadeiro retorno ao passado que nos aproxima do período nazifascista e nos afasta das liberdades democráticas. Mais do que uma oposição às questões de gênero, a mensagem implícita na publicação do presidente é a de que seu governo é contra tudo aquilo que julgar como diferente, estranho, sem encaixe nos padrões do "cidadão de bem" bolsonarista. Para a sociedade, a mensagem é a de fomentar a liberdade para discriminar pessoas, autorizando a LGBTfobia, o racismo, o machismo e o desrespeito aos direitos humanos desde a escola, estimulando a marginalização e o ódio contra as diferenças.

Em seu primeiro ano de mandato, vemos que Jair Bolsonaro procura deixar claro que irá buscar a implementação da agenda que o elegeu. Governando apenas para seus eleitores, em especial os mais radicais, o mesmo tenta tomar iniciativas em torno de temas como o incentivo a violência e ao preconceito, a doutrinação ideológica na educação e a precarização do trabalho. Esses exemplos estão no centro da política neofascista, logo, não é nenhuma surpresa que o Estado brasileiro tenha caminhado nessa direção a partir de 2019. São medidas que o candidato eleito sempre defendeu e prometeu implementar. Com isso, a extrema direita consegue avanços rumo ao autoritarismo já em seus primeiros meses no poder.

3.2 OS ANOS DA PANDEMIA: 2020 E 2021

Com a chegada do ano de 2020, o presidente tenta passar através de sua rede social a imagem de que sua administração até o momento deveria ser exaltada por supostamente não ter tido nenhum caso de corrupção. Mais do que isso, sendo a bandeira anticorrupção algo muito caro ao bolsonarismo, o seu líder simboliza a própria honestidade em forma humana.

Figura 4 - publicação do presidente Bolsonaro se colocando como símbolo do combate à corrupção



Jair M. Bolsonaro  @jairbolsonaro · 29 de jan de 2020

...

Assim, Jair Bolsonaro tornou-se o maior símbolo do COMBATE À CORRUPÇÃO de que se tem notícia, nos 520 anos da História do Brasil.

Devemos confiar nele, na sua habilidade e determinação em escolher seus ministros e secretários, para melhor conduzir os destinos do Brasil.

Fonte: Perfil de Jair Bolsonaro no Twitter⁵

Ao se colocar como o maior símbolo do combate à corrupção da história do Brasil, o presidente exagera e mente, escondendo por exemplo o fato de que a essa altura, amigos e familiares seus já estavam sendo investigados por desvio de dinheiro público. Incluindo sua própria esposa⁶. Tal atitude representa a estratégia de exigir da população uma confiança cega em sua pessoa, pois o mesmo teria a habilidade necessária para conduzir o destino do Brasil. Esse ponto se mostra muito importante para o fascismo, como nos mostra Stanley (2020, p.78):

A política fascista procura destruir as relações de respeito mútuo entre cidadãos, que são a base de uma democracia liberal saudável, substituindo-as, em última instância, pela confiança apenas numa figura, o líder. Quando a política fascista é mais bem-sucedida, o líder é considerado pelos seguidores como o único confiável.

Simultaneamente, o presidente estimula a desconfiança entre população e o crescimento de uma situação antidemocrática. Isso significa também uma tentativa de enfraquecer as demais instituições de Estado, como o Superior Tribunal Federal, além de desacreditar a imprensa livre, dois ambientes que podem fornecer decisões e informações que contrariem as vontades do governante e que devem ser vistos como mentirosos diante de injustiçado um Bolsonaro que só estaria querendo fazer o bem para o país.

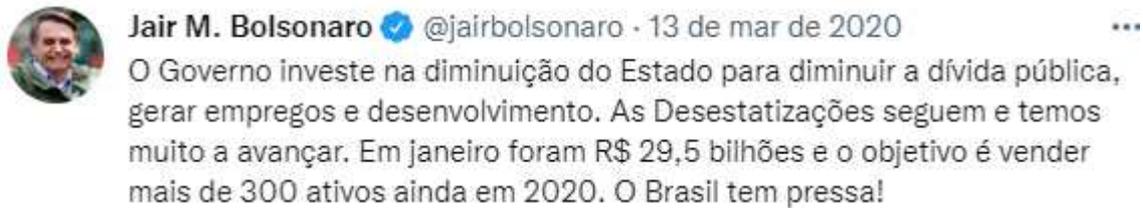
Em momentos como esse podemos notar a importância de se observar e analisar suas mídias sociais, visto que ele as coloca como um dos poucos canais de informação hipoteticamente confiáveis, sendo o Twitter um dos principais desse segmento. Ao mesmo tempo, apela para a descrença dos eleitores com a política brasileira, pois se ele é o único honesto, a verdade só pode ser obtida através de sua palavra, fazendo do bolsonarismo um movimento quase religioso sob sua liderança.

⁵ Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1222489475923828736>. Acesso em: 25 de novembro. 2022.

⁶ Queiroz preso: entenda a investigação envolvendo o ex-assessor de Flávio Bolsonaro. BBC News Brasil. 28 out. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50211661>. Acesso em: 25 de novembro. 2022

Pouco depois, novamente na área da economia aparece a relação do presidente com os desejos das classes mais ricas. Reafirmando seu viés ultraneoliberal, favorável a destruição do Estado brasileiro, o então presidente publicou com orgulho os lucros obtidos com a venda de propriedades estatais com a justificativa de que tal medida seria para diminuir a dívida pública e gerar emprego e desenvolvimento.

Figura 5 - publicação do presidente Bolsonaro comemorando a venda de ativos do Estado



Fonte: Perfil de Jair Bolsonaro no Twitter⁷

Jair Bolsonaro afirma que o Brasil tem pressa para vender o Estado, generalizando algo que nos faz questionar que país é este que ele está se referindo e quais pessoas de fato estavam com pressa para que esse tipo de atitude fosse tomada. Sabendo que o governo conta com grande apoio das camadas burguesas, é natural pensarmos que nesse momento ele fala para esse público, apresentando o que fez e tudo que ainda pretendia fazer. Sobre essa conexão, Arcary (2019, p.105) indica que:

Bolsonaro vem improvisando uma relação com a grande burguesia através da nomeação de Paulo Guedes como seu superministro da economia. Trata-se de uma improvisação que se acelera. O plano econômico apresentado é ultraliberal, com ênfase em privatizações indiscriminadas e velozes, choque fiscal brutal, e ataque frontal aos direitos dos trabalhadores.

De fato, as desestatizações representam desenvolvimento, mas para aqueles que estão na parte mais favorecida da sociedade, os quais acumulam mais capital e aumentam a distância da desigualdade perante os mais pobres. Estes são cada vez mais abandonados por um país desmantelado, sem condições de oferecer ajuda ao seu povo. Logo, aqui aparece mais uma vez a política fascista de desmobilização dos trabalhadores, retirando direitos, ameaçando violentamente e negociando as posses estatais que também pertencem à população.

Sendo a relação com a burguesia e o mercado improvisada a partir da figura do ministro da economia Paulo Guedes, Bolsonaro apresenta a necessidade de estar mostrando resultados

⁷ Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1238454474458488832>. Acesso em: 28 de novembro. 2022.

benéficos a esses setores para manter sua confiança. Dessa maneira se dá a aliança do neofascismo com o grande capital, conforme dito por Mattos (2020, p.239, 240) “Assim, o neofascismo encontrou apoio e espaço para crescer porque o grande capital e seus funcionários pretendem administrar violentamente a radicalização da miséria decorrente da superexploração”. O apoio capitalista é fundamental para a chegada da extrema-direita ao poder e os efeitos práticos disso podem ser vistos claramente ao observarmos o Twitter de Jair Bolsonaro.

Eventualmente, outro item que surge com destaque na rede social presidencial é o campo das relações internacionais. Explorando as publicações, é possível termos uma noção da globalização neofascista através das interações de Bolsonaro com líderes políticos de extrema-direita de outros países. No caso do brasileiro, essas demonstrações envolvem principalmente o estadunidense Donald Trump, figura pela qual Jair Bolsonaro nutre uma aparente idolatria. Nesse cenário, o alinhamento de ideias fica claro através das postagens.

Figura 6 - Presidente Bolsonaro compartilha publicação de Donald Trump afirmando que irá designar organizações antifascistas como terroristas nos Estados Unidos



Fonte: Perfil de Jair Bolsonaro no Twitter⁸

No contexto dos protestos contra a morte do norte americano George Floyd, Trump ameaçou declarar grupos antifascistas que foram às ruas como terroristas perante o governo dos Estados Unidos⁹. A medida só não foi tomada por conta da resistência das instituições do país, já que é inconstitucional. Essa parece ser a rotina dos presidentes neofascistas pelo mundo, procurando constantemente afrontar as constituições locais em busca de desrespeitá-las e destruí-las. Acontece no Brasil e fora dele também. Essa união internacional não fica restrita às redes sociais, visto que há um esforço para também colaborarem através de organismos internacionais como a ONU, trabalhando coletivamente para fazer avançar sua ideologia no mundo. Parte dessa tarefa foi cumprida no governo Bolsonaro pelo ex-ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, como demonstra Mattos (2020, p.212):

No plano das relações internacionais, a nomeação de um chanceler olavista, de discurso ridiculamente confuso, correspondeu a uma virada na diplomacia em relação aos países vizinhos, exacerbada agressivamente no caso venezuelano, ao mesmo tempo que a uma submissão completa às orientações estadunidenses em tempos de guerra comercial entre aquele país e a China, ainda que esta última nação seja o principal “parceiro” brasileiro no comércio

⁸ Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1267131860653608961>. Acesso em: 28 de novembro. 2022.

⁹ GUIMÓN, Pablo. Antifa: nem terroristas nem organização. El País. 01 de Jun. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-06-01/antifa-nem-terrorista-nem-organizacao.html>. Acesso em: 29 de novembro. 2022.

exterior. A pauta moral conservadora consubstanciou-se no alinhamento, nos fóruns da ONU, com a diplomacia de outros países governados pela extrema-direita e com as ditaduras teocráticas [...].

Com um chanceler que buscou o conflito com países vizinhos como a Venezuela e se submeteu a quaisquer decisões tomadas pela diplomacia norte-americana, o Brasil tem a quebra de uma tradição longa de mediação de conflitos no plano exterior. Uma característica que trazia respeito ao país por parte da comunidade internacional foi perdida durante o governo Bolsonaro para que a ameaça da extrema-direita pudesse se propagar pelo planeta.

Um segundo aspecto preocupante nessa postagem se encontra exatamente no fato de Bolsonaro e Trump apresentarem o desejo de perseguir o antifascismo, em uma demonstração claríssima de suas posições fascistas. Tal conduta não chega a ser uma novidade para aqueles que acompanham as declarações do presidente brasileiro, sempre pregando o ódio contra quaisquer opositores e se referindo a todos que apresentem mínimas discordâncias com seu pensamento como “esquerda”, “comunistas” ou “socialistas”, que devem ser eliminados pois seriam o grande mal da sociedade. Ao comentar essas ameaças presidenciais, Poggi (2019, p.89), nos relata que:

[...] para além da defesa de governos ditatoriais, Bolsonaro ainda proferiu diversos ataques à oposição e às minorias, agredindo mulheres, gays, negros, devotos de religiões afro-brasileiras e a esquerda como um todo. São conhecidas suas declarações comparando negros a animais, imputando-lhes comportamento promíscuo e criticando cotas raciais; as afirmações de inferioridade da mulher e os ataques à deputada Maria do Rosário, que lhe renderam condenação em processo; a defesa de violência aberta contra LGBTs, que seriam responsáveis pela destruição da família tradicional; referências à esquerda como lixo que deve ser descartado do cenário social.

Em síntese, o bolsonarismo ataca e ameaça tudo aquilo que julga como diferente e contrário, distante de seu posicionamento político e da família tradicional branca, patriarcal e cristã. O nazismo ficou marcado na história pela perseguição aos judeus na Segunda Guerra Mundial. Todavia, diversos outros grupos foram encarcerados e enviados para grupos de concentração, como comunistas, gays e opositores ao regime. Essa tradição de caça e desejo de extermínio das diferenças está sendo seguida pelo neofascismo moderno.

No aspecto político, um dos momentos de maior tensão do governo Bolsonaro aconteceu durante o 7 de setembro de 2021, data em que se comemora o aniversário da independência do Brasil. Nesse momento, o presidente conclamou todos os seus apoiadores do país a saírem às ruas para demonstrar a força do bolsonarismo e tentar amedrontar a oposição e as demais instituições da república, criando um clima de ameaça golpista iminente. Tudo isso

com a desculpa de que seria apenas uma celebração dessa que é uma das datas mais relevantes da história do Brasil. Bolsonaro logo foi ao Twitter publicar uma foto da manifestação em São Paulo, dando a entender que aquilo significava o apoio do povo brasileiro a seu mandato.

Figura 7 - foto publicada pelo presidente Bolsonaro mostrando reunião de apoiadores em São Paulo durante o 7 de Setembro



Fonte: Perfil de Jair Bolsonaro no Twitter¹⁰

Ao escolher essa data específica para promover uma manifestação com intenções golpistas,¹¹ Jair Bolsonaro também procura sequestrar para seu movimento essa significativa data do país como forma de usá-la para resgatar um suposto passado mítico brasileiro a seu favor, se colocando ele como um símbolo de independência. Esse uso do passado se trata de mais uma tática do fascismo, como nos mostra Stanley (2020, p.21) “A função do passado

¹⁰ Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1435390903435284481>. Acesso em: 12 de dezembro, 2022.

¹¹ GALF, Renata. O que foi o 7 de Setembro bolsonarista? Cientistas políticos apontam intenções do ato e suas consequências. Folha de São Paulo. 22 de set. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/09/o-que-foi-o-7-de-setembro-bolsonarista-cientistas-politicos-apontam-intencoes-do-ato-e-suas-consequencias.shtml>. Acesso em: 12 de dezembro, 2022.

mítico, na política fascista, é aproveitar a emoção da nostalgia para princípios centrais da ideologia fascista: autoritarismo, hierarquia, pureza e luta”.

Aproveitando o simbolismo desse feriado, o governante cita o poder moderador, que foi usado pelos imperadores do Brasil após a independência e se sobrepunha aos demais poderes do império, como atualmente sendo o povo. E se a população estava lhe apoiando, significa que o mesmo deveria exercer um novo poder moderador contra as demais instituições do Estado, em uma clara referência às suas aspirações antidemocráticas.

Como se não bastassem todas as políticas voltadas para a violência, a miséria dos trabalhadores e a perseguição aos discordantes, o ano de 2020 acaba ficando marcado pelo início da pandemia de Covid-19, que até o momento matou quase 700 mil pessoas em todo o Brasil¹². A emergência sanitária se converteu na oportunidade perfeita para o presidente promover o extermínio em massa da população como sempre expressou desejar. Desde os primeiros casos da doença, ele deu declarações subestimando a gravidade do problema, desqualificou a opinião de especialistas, espalhou frequentemente notícias falsas sobre o assunto e negligenciou a ajuda federal aos Estados e municípios do país. Tudo isso se encontra devidamente registrado na própria rede social do mesmo.

¹² Brasil registra 116 mortes por Covid em 24h; média móvel de vítimas segue em alta pelo 9 dia. G1. 29 de Nov. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2022/11/29/brasil-registra-116-mortes-por-covid-em-24h-media-movel-de-vitimas-segue-em-alta-pelo-9o-dia.ghtml>. Acesso em: 30 de novembro. 2022.

Figura 8 - publicação do presidente Bolsonaro se negando a adquirir a vacina que poucos meses depois seria usada para o início da vacinação dos brasileiros durante a pandemia



Fonte: Perfil de Jair Bolsonaro no Twitter¹³

No momento mais crítico da pandemia, quando se aproximava o fim do ano e o Brasil estava prestes a viver uma brutal segunda onda da pandemia que chegou a matar mais de 3 mil brasileiros por dia, Jair Bolsonaro publicava em seu Twitter no mês de outubro que não compraria antecipadamente o que ele chamou de “Vacina chinesa do Dória”. Ironicamente, a referida vacina, chamada CoronaVac, a qual o presidente se recusou a adquirir o mais rápido possível, foi justamente aquela que acabou sendo utilizada para o início da vacinação contra a covid-19 no Brasil, em uma parceria do Estado de São Paulo governado pelo antigo aliado e agora desafeto de Bolsonaro, João Dória, juntamente com o Instituto Butantan e a empresa chinesa Sinovac¹⁴. A condução criminosa da pandemia por parte do governo federal é comentada por Manso (2020, p.290):

¹³ Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1318909886080614411>. Acesso em: 30 de novembro, 2022.

¹⁴ Vacinação contra Covid-19 no Brasil completa 1 ano com grande impacto da CoronaVac na redução de hospitalizações e mortes. Butantan. 17 de Jan. 2022. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/vacinacao->

Bolsonaro atacou epidemiologistas e médicos que recomendaram o isolamento social como forma mais segura, naquele momento, de desacelerar contaminações e mortes, e de evitar o caos no sistema de saúde. Também vociferou contra os governadores que seguiam recomendações de médicos e cientistas, agrediu a imprensa, que noticiava e explicava sobre a gravidade da situação, e demitiu dois ministros seus da Saúde, médicos que tentavam controlar e reduzir os danos e as mortes causados pela pandemia, substituindo-os por um militar sem experiência na área.

Nesse período, o neofascismo brasileiro mostra sua face mais cruel, negacionista e reacionária, fazendo com que milhares perdessem suas vidas graças a ideologia que estava no comando do país. O argumento de que a vacina não tinha comprovação científica é inválido, pois, desde o início da emergência, o presidente defendeu o uso de remédios sem eficácia comprovada para tratar a doença, enquanto as principais vacinas estavam sendo desenvolvidas em tempo recorde pelos principais laboratórios do planeta. Também se recusou a comprar a CoronaVac por a mesma ter sido defendida por seu então adversário político, Dória, que acabou iniciando a vacinação em São Paulo por conta própria, fazendo com que a pressão no governo se tornasse insustentável e este tivesse que iniciar a vacinação nacional.

Simultaneamente, poderia ter agido com antecipação para garantir o fornecimento de outras vacinas, mas não o fez. Isso é consequência direta do anti-intelectualismo bolsonarista, que recusa tudo aquilo que é produzido cientificamente, disseminando apenas a crença em teorias da conspiração infundadas. Como dito por Stanley (2020, p.62, 63) “Uma vez que deslegitimam as universidades e os especialistas, os políticos fascistas se veem livres para criar suas próprias realidades”. E Bolsonaro de fato se aproveitou do caos pandêmico para criar sua própria realidade de morte em solo brasileiro.

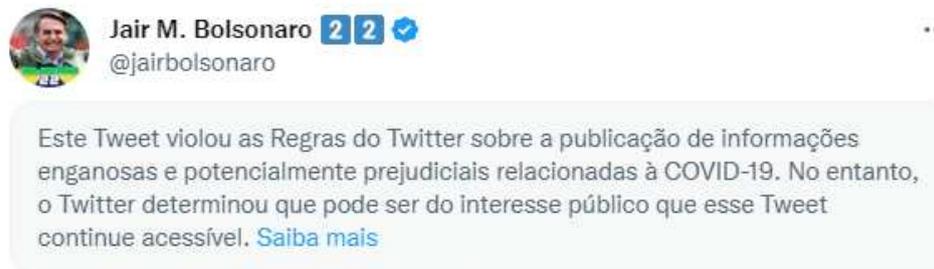
É importante ressaltar que a inação do governo para mitigar os impactos dessa crise mais uma vez atingiu fortemente em maior medida os mais pobres. Tal parcela da população foi a que esteve mais vulnerável nessa época, necessitando principalmente de auxílio financeiro e atendimento gratuito de qualidade no SUS. Essas necessidades foram lentamente atendidas pela união, que muitas vezes dificultou a vida do povo mais do que facilitou. Enquanto isso, as classes mais favorecidas tiveram uma maior tranquilidade para cumprir as medidas de isolamento social, necessárias para prevenir a propagação do vírus.

Assim o Brasil caminhou para o ano seguinte com muitas incertezas a respeito da pandemia que parecia longe de acabar, com um governo que ignorava a opinião dos

especialistas ao mesmo tempo em que oferecia soluções totalmente ineficazes para a questão. De certo só restava o fato de que seria necessária muita mobilização política e social para superar essa batalha.

Com a chegada de 2021, veio o início da vacinação nacional contra a covid-19, mas institucionalmente, pouca coisa mudou na administração bolsonarista. O líder de extrema-direita continuou a usar suas redes sociais para publicação de mentiras a respeito da doença, impedindo que os brasileiros pudessem ter grandes esperanças de que o fim desse terror estivesse próximo.

Figura 9 - publicação do presidente Bolsonaro sobre tratamento para covid-19 sendo classificada como informação enganosa pelo Twitter



- Estudos clínicos demonstram que o tratamento precoce da Covid, com antimaláricos, podem reduzir a progressão da doença, prevenir a hospitalização e estão associados à redução da mortalidade.

Fonte: Perfil de Jair Bolsonaro no Twitter¹⁵

Em uma publicação na qual fala sobre os efeitos de um falso tratamento precoce, Bolsonaro acaba tendo suas palavras classificadas como enganosas e prejudiciais pelo Twitter. A administração da rede social coloca uma advertência junto ao conteúdo, escancarando que o mesmo se trata de uma informação falsa. Mesmo com a chegada das vacinas, o presidente permanece em suas redes buscando engajar seus seguidores em sua campanha contra o trabalho científico. A mensagem é muito clara, apesar da vacinação, as pessoas têm que seguir os métodos de tratamento que o líder neofascista recomenda e não o que foi estabelecido pela ciência internacional. Conforme dito por Poggi (2019, p.94):

A mídia virtual torna-se um canal para o trabalho de base, chega-se às massas rapidamente, mobilizando-as em torno de uma causa. Mas e o controle? Este

¹⁵ Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1350149912009334784>. Acesso em: 30 de novembro, 2022.

é feito pela ignorância e pela alienação. Ignorância e alienação são a porta de entrada para a pronta aceitação de informações falsas, muitas vezes esdrúxulas, sem que se procure sequer aferir sua veracidade.

Contando com o medo da população a respeito do tema, Jair Bolsonaro busca fomentar a desconfiança e o sentimento antivacina. Diante da gravidade desse tipo de conteúdo, que estava levando pessoas à morte, a empresa Twitter é obrigada, também pela pressão popular a ao menos indicar que aquilo que ali está colocado não é verdadeiro. Essa ação por parte da rede social parece muito pouco perto do dano que tais falas estavam causando. Há apenas o alerta, mas a publicação não foi retirada nem limitada de alguma forma e o dono da conta pode continuar colocando mentiras naquele lugar sem sofrer nenhuma consequência séria, o que nos faz refletir sobre a relação do próprio Twitter com esse tipo de postagem criminosa.

Chama a atenção o fato de que a rede social em questão, em determinado momento suspendeu por completo a conta do ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump¹⁶, mas só após ele incentivar seus seguidores a tentarem derrubar o sistema democrático americano no início de 2021. Antes disso, Trump passou anos veiculando em seu perfil uma enorme quantidade de *fake news* sem que a rede social agisse de alguma forma para parar esse conteúdo. Uma situação semelhante ocorreu com Bolsonaro durante a pandemia no Brasil, em que ele com frequência vai ao Twitter publicar mentiras que podem ter consequências catastróficas entre as pessoas e não tem sua atuação limitada de nenhuma maneira pela moderação da rede. Um dos fatores que pode nos ajudar a entender essa relação é trazido por Marques (2018, p.17) quando explica como é construído o capital dessas mídias sociais:

Não obstante o fato de que os trabalhadores envolvidos nas cadeias de produção das mídias sociais produzem valor e mais-valia, a riqueza originada nesse contexto advém principalmente de renda que os grandes *players* do mercado de mídias sociais extraem dos demais setores capitalistas que, por não terem acesso primário aos bancos de dados que armazenam os perfis dos internautas, são obrigados a pagar por esse recurso intangível, que se torna cada vez mais estratégico na atualidade.

Podemos concluir que, se tratando de uma empresa capitalista, que visa a obtenção de lucro, é favorável para o Twitter manter os perfis de líderes da extrema-direita ativos. Através de contas como a de Jair Bolsonaro, que a cada publicação gera uma enorme quantidade de acessos, debates e repercussões dentro e fora da rede social, a mesma tende a lucrar com a obtenção de informações desses usuários que estão consumindo de alguma forma aquele conteúdo, além de ganhar uma publicidade gratuita em veículos jornalísticos que repercutem o

¹⁶ Twitter suspende permanentemente conta de Trump. BBC News Brasil. 8 de Jan. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55597638>. Acesso em: 3 de dezembro. 2022.

que é colocado ali. Dados como a reação que pessoas têm ao se depararem com as mensagens bolsonaristas e qual seu perfil, podem ser capturados, medidos e vendidos para quem puder pagar, gerando renda para a rede social.

Do mesmo modo, é importante destacar que a rede social tratada aqui é uma empresa atualmente comandada pelo bilionário Elon Musk, alguém que já flertou com o neofascismo, inclusive tendo como uma de suas primeiras medidas após a compra do Twitter a reativação do perfil de Donald Trump. Também se trata de um local que explora seus trabalhadores, fazendo diversos cortes em benefícios e demitindo uma grande quantidade de pessoas recentemente¹⁷. Sendo uma empresa com esse perfil, principalmente nos últimos tempos, não é de se estranhar que abrigue sem problemas o discurso neofascista mundial.

Se no plano interno o Brasil vivia grave crise por conta da pandemia e das ações governamentais, externamente a situação era igualmente ruim, com o país em determinado momento assumindo a liderança mundial em mortes por Covid-19 e tendo seu presidente como uma figura que gerava desconfiança entre diversos líderes mundiais. Nesse momento, ocorre uma nova Assembleia-Geral da ONU em Nova York, nos Estados Unidos e, como tradicionalmente acontece, o chefe de Estado brasileiro é convidado para discursar na abertura dos trabalhos, uma oportunidade para falar ao mundo inteiro. Bolsonaro acabou então fazendo um discurso bastante problemático e negativo para a imagem internacional do Brasil naquele momento¹⁸. Contudo, o mesmo vai às redes sociais apresentar orgulhoso os temas que defendeu sob os olhares dos mais diversos países.

¹⁷ Twitter aperta o cinto: Musk corta verbas para comida, creche e bem-estar. Uol. 22 de Nov. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2022/11/22/twitter-aperta-o-cinto-musk-corta-verbos-para-comida-creche-e-bem-estar.htm>. Acesso em: 3 de dezembro. 2022.

¹⁸ Na ONU, Bolsonaro insiste em erros da pandemia e mente sobre Amazônia. Uol. 21 de Set. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/09/21/bolsonaro-onu-2021-discurso-amazonia-pandemia.htm>. Acesso em: 4 de dezembro. 2022.

Figura 10 - publicação do presidente Bolsonaro resumindo seu discurso na ONU



Fonte: Perfil de Jair Bolsonaro no Twitter¹⁹

Em uma única imagem, Bolsonaro consegue reunir um quase resumo a respeito do que é a ideologia bolsonarista. Agindo como se estivesse em território nacional, o presidente argumenta a favor das mais diversas teses absurdas que vão desde o negacionismo sobre a pandemia, até mentiras a respeito de sua política ambiental, passando pelo discurso de ódio a opositores e o fundamentalismo cristão. Essas características também são bem resumidas por Mattos (2020, p.272) ao comentar sobre o conjunto ideológico que une os bolsonaristas:

O cimento ideológico dessa base social do bolsonarismo foi justamente uma combinação, como demonstram as interações nas redes sociais, entre discursos anticorrupção/antipetismo; conservadorismo moral de fundo

¹⁹ Disponível em: <https://twitter.com/jaibolsonaro/status/1440679821009317892>. Acesso em: 4 de dezembro, 2022.

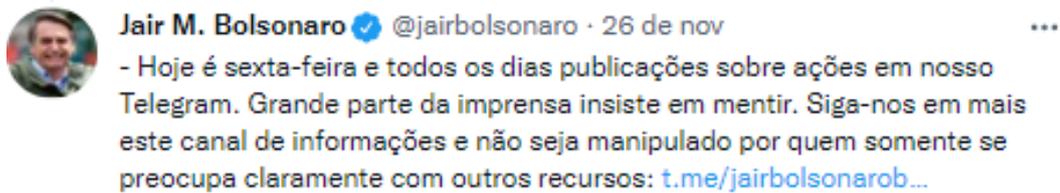
religioso, misógino e LGBTfóbico; liberalismo econômico; militarismo e pregação do tipo “bandido bom é bandido morto”

Bolsonaro usa seu tempo na ONU não para falar ao mundo, não para melhorar as relações diplomáticas do Brasil, mas para continuar discursando para sua base, como se ainda estivesse em uma campanha eleitoral. Em um momento delicado do planeta, no qual o país poderia se colocar em um papel de liderança internacional no combate a essas emergências, o chefe de Estado prefere gastar seu tempo com mentiras perversas que colocaram a nação em uma posição de pária perante a comunidade global, com algum alinhamento apenas com os países os quais eram comandados pelo neofascismo.

Paralelamente a isso, outro ponto muito relevante deste momento na ONU é a questão do meio ambiente. O tema estava preocupando os países parceiros comerciais do Brasil, que é um grande produtor agrícola e exporta para o mundo inteiro, mas que no momento em questão vinha sofrendo várias denúncias sobre o grande desrespeito a sustentabilidade que estaria sendo praticado na região. Então, esperava-se uma fala esclarecedora do presidente brasileiro a respeito dessa questão, acalmando os ânimos e garantindo a manutenção de boas relações econômicas. Não foi o que aconteceu. Bolsonaro, de maneira falsa, coloca o país como símbolo de proteção ambiental, quando na realidade seu ministro do meio ambiente trabalhava naquele momento para destruir cada vez mais as florestas brasileiras e violentar indígenas. Conforme dito por Mattos (2020, p.211), Bolsonaro é um “crítico feroz do ambientalismo, dos sem-terra, das reservas indígenas e de quilombolas, nomeou um ministro do Meio Ambiente processado por conluio com construtoras para destruir áreas de proteção”. O currículo do ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles foi fundamental para sua escolha, sendo selecionado especialmente para administrar a pasta de acordo com os desejos destrutivos do presidente, algo que gerou desconfiança entre a parcela de países que buscam se apresentar para o mundo como defensores de uma economia mais sustentável, que preserve a natureza e respeite os povos originários, mas que ao mesmo tempo possuem seus próprios interesses dentro dessas questões ambientais.

Ao falarmos sobre a ideologia neofascista do governo Bolsonaro, é necessário abordar um aspecto que esteve presente em sua pauta na ONU e igualmente é muito encontrado nas suas redes sociais é a sua relação com a mídia, especialmente os grandes veículos de comunicação. Frequentemente o presidente orienta seus seguidores a se informarem apenas pelos canais oficiais que ele e seus aliados indicarem, rejeitando fortemente a parcela da imprensa que publica qualquer tipo de crítica ao governo, pois tal parte da mídia seria mentirosa e só estaria tentando prejudicar a presidência.

Figura 11 - publicação do presidente Bolsonaro pedindo que as pessoas se informem pelo seu Telegram



Fonte: Perfil de Jair Bolsonaro no Twitter²⁰

Nesse exemplo, Jair Bolsonaro pede que as pessoas o sigam na rede social Telegram para obterem informações verdadeiras todos os dias, já que a imprensa estaria insistindo em mentir. A tática é mais um passo em sua estratégia de se colocar como o único meio para a verdade, criando raízes em todos os lugares da internet para que o cidadão, independente da rede que preferir, possa estar conectado a um canal bolsonarista. Dessa maneira, a máquina de *fake news* do bolsonarismo pode propagar cada vez mais seus ideais contra o intelectualismo e a livre imprensa, como é observado por Poggi (2019, p.94):

Anti-intelectualismo e obscurantismo são traços típicos do fascismo. Suas lideranças fomentam a descrença na ciência, no racionalismo, nos meios de comunicação tradicionais e respeitadas para que só se acredite no que for veiculado por eles ou com sua autorização

Em um momento no qual o presidente estava sendo constantemente criticado pela mídia tradicional por sua atuação na pandemia, se fez ainda mais necessária essa intensificação da campanha pela informação apenas nos veículos favoráveis a Bolsonaro. Acuado pelas críticas, ele agiu todo o tempo para tentar desacreditar aqueles que possuíam falas contrárias às suas. A consequência disso se vê entre os grupos de apoiadores do presidente, que só se informam por onde ele manda e condenam agressivamente qualquer sinal de opinião ou fato desfavorável, imediatamente classificando isso como mentira. Essa prática acabou sendo extremamente danosa à sociedade na medida em que muitas pessoas passaram a buscar conhecimento apenas através das redes sociais, essas com massiva presença do bolsonarismo que está constantemente tentando manipular a opinião pública. Assim, os meios de comunicação investigativos

²⁰ Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1464366461967900672>. Acesso em: 4 de dezembro, 2022.

encontram dificuldades para passar os fatos a uma população que está frequentemente sendo induzida a duvidar daquilo que vem desses lugares.

No último mês do ano, Jair Bolsonaro deu mais um alarmante sinal do aparelhamento que estava promovendo a fim de dominar as instituições de Estado. Nesse momento, ao poder dar sua segunda indicação para o Supremo Tribunal Federal, o presidente cumpre um compromisso de campanha que assumiu com a parcela evangélica de seus apoiadores, fundamentais para sua eleição e que compõem a parcela da ideologia bolsonarista voltada para as questões morais e de costumes. Esse compromisso se tratava de levar a uma das cadeiras do Supremo um ministro “terrivelmente evangélico”, o qual garantiria na cômte a defesa das pautas bolsonaristas. Ao conseguir mais esse avanço em seu projeto, o presidente comemora.

Figura 12 - publicação do presidente Bolsonaro comemorando a chegada de um ministro “terrivelmente evangélico” ao Supremo Tribunal Federal



Fonte: Perfil de Jair Bolsonaro no Twitter²¹

O próprio escolhido, André Mendonça, classificou sua chegada ao supremo como um grande salto para os evangélicos²², já antecipando a que parcela da população seu mandato iria

²¹ Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1466204659366838272>. Acesso em: 12 de dezembro. 2022.

²² MACHADO, Renato; WASHINGTON, Luiz. Mendonça comemora com Michelle e diz que ida ao STF é 'salto para os evangélicos'. Folha de São Paulo. 1 de Dez. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/12/mendonca-diz-que-aprovacao-para-stf-e-um-salto-para-os-evangelicos.shtml>. Acesso em: 13 de dezembro. 2022.

servir a partir daquele momento. Esse se tratou de mais um passo do bolsonarismo no seu projeto de perseguição de minorias e quaisquer grupos julgados como diferentes do padrão de família tradicional cristã que o movimento defende como o modelo familiar puro e correto para o país. Até então, o maior símbolo dessa política ideológica se encontrava na figura da ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damares Alves. Sobre ela, Mattos (2020, p.2013) nos informa que:

A pauta moral conservadora, com matriz discursiva fortemente baseada na religiosidade evangélica, explica como a ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, a pastora Damares Alves, ao fim do primeiro ano de governo, fosse, segundo pesquisas de opinião, a segunda mais bem avaliada no governo [...]

Já contando com uma forte representação no congresso nacional e nos ministérios do governo, a chegada de Mendonça ao Supremo Tribunal Federal representa a infiltração da parcela de evangélicos que possuem pautas morais retrógradas em todos os poderes da república. Como consequência disso, Bolsonaro garante a manutenção da fidelidade da maioria dessa parcela da população, que deseja ver o fim da laicidade do Estado, com um país se guiando totalmente pelas práticas das igrejas evangélicas neopentecostais aliadas do bolsonarismo.

O ano de 2021 acaba sendo uma extensão de muito daquilo que ocorreu em 2020. Bolsonaro seguiu com sua campanha de desinformação tentando deslegitimar as fortes críticas que vinha recebendo desde o início da emergência sanitária. Esse cenário trágico brasileiro ficou escancarado para o mundo quando até o próprio Twitter passou a alertar que aquilo que estava sendo veiculado pelo presidente em seu perfil era informação enganosa. Do mesmo modo, todos puderam ter uma noção do que acontecia no país quando Bolsonaro fez um discurso altamente ideológico e mentiroso em um momento diplomático tão importante que é a Assembleia-Geral da ONU. Para se defender, restou ao bolsonarismo manter suas crenças mórbidas e negacionistas o tempo inteiro, criando nos seus canais um cenário irreal que em nada condizia com a realidade da nação naquele momento. Para completar, no ano seguinte seriam realizadas novas eleições presidenciais e todo esse trabalho de construção de um governo neofascista seria posto à prova.

3.3 2022 E UMA NOVA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL

Se nos anos anteriores, durante diversos momentos Bolsonaro pareceu agir como se ainda estivesse em campanha eleitoral, dialogando apenas com seus simpatizantes, isso irá se intensificar ainda mais em 2022. Com uma eleição difícil se aproximando, tendo seu maior opositor, Lula, como favorito, ele aumenta a quantidade de ataques e afirmações falsas sobre a esquerda além de seguir defendendo suas políticas contra o Covid-19, que apesar de mais controlado, ainda continua presente na sociedade levando pessoas a óbito.

Logo no início do ano, o bolsonarismo sofre uma grande baixa com a morte do seu maior símbolo intelectual, o suposto filósofo, Olavo de Carvalho. Ironicamente, o homem que durante o auge da pandemia ajudou a disseminar e criou ele mesmo muitas teorias falsas sobre o vírus, morreu dias depois de contrair a covid, apesar da causa oficial de seu falecimento não ter sido divulgada, sabendo-se apenas que ele contraiu o vírus antes de sua morte²³. O presidente rapidamente foi ao Twitter prestar homenagens a este que era um de seus principais aliados, como se o Brasil acabasse de perder um de seus maiores intelectuais.

Figura 13 - publicação do presidente Bolsonaro lamentando a morte de Olavo de Carvalho



Jair M. Bolsonaro    @jairbolsonaro · 25 de jan

- Nos deixa hoje um dos maiores pensadores da história do nosso país, o Filósofo e Professor Olavo Luiz Pimentel de Carvalho.

- Olavo foi um gigante na luta pela liberdade e um farol para milhões de brasileiros. Seu exemplo e seus ensinamentos nos marcarão para sempre.

Fonte: Perfil de Jair Bolsonaro no Twitter²⁴

De maneira bastante exagerada, Bolsonaro classifica Olavo como um dos maiores pensadores da história do país e um farol para milhões de brasileiros. Sua grande contribuição na verdade foi fornecer uma base teórica para o neofascismo brasileiro, que durante os últimos anos o usou como se o mesmo fosse uma referência científica que desse respaldo a todas as ideias perigosas que cercam esse movimento. Essa relação é detalhada por Mattos (2020, p.172):

Podemos compreender a aproximação entre o clã Bolsonaro e o autointitulado "filósofo" Olavo de Carvalho como uma tentativa de dotar o bolsonarismo de

²³ Morre Olavo de Carvalho: guru do bolsonarismo disse que covid era 'historinha de terror'. BBC News Brasil. 25 de Jan. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-60124170>. Acesso em: 6 de dezembro. 2022.

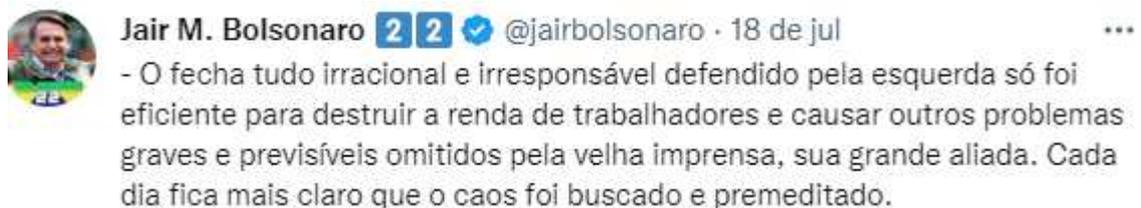
²⁴ Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1485857287780675590>. Acesso em: 6 de dezembro. 2022.

uma “filosofia”, no sentido de uma visão mais articulada e totalizante, que confere sentido à sua ação política

Para aqueles que necessitavam de uma justificativa para as absurdas ações do bolsonarismo, os livros de Carvalho se tornaram obrigatórios, manuais contendo as mais diversas teses defendidas pela extrema-direita brasileira e internacional. A influência dele foi tamanha que é relevante lembrar que o mesmo chegou a indicar ministros para o governo em pastas como educação e relações exteriores, criando uma ala olavista no governo que ficaria responsável pelas questões de doutrinação ideológica. Também atuou intensamente na internet através das redes sociais e de cursos online, buscando fazer o trabalho de base neofascista, sempre se colocando como conhecedor da verdade e defensor da liberdade que os inimigos comunistas estariam tentando usurpar do povo. A pobreza intelectual do grupo liderado por Jair Bolsonaro é tamanha que após a morte de Olavo de Carvalho, não houve ninguém que se destacasse nesse campo ao ponto de ocupar o vácuo deixado por ele, o que não quer dizer que a máquina de *fake news* bolsonarista tenha parado de funcionar, muito pelo contrário.

Com a morte do seu “guru” e muito criticado pelos resultados econômicos ruins que se seguiram junto com a desastrosa condução do governo na pandemia, restou a Bolsonaro culpar a “esquerda” e a imprensa por todos os males que haviam acontecido no país nos tempos recentes. Toda a tragédia vivida no Brasil nos últimos anos seria consequência dessa sabotagem que o presidente estaria sofrendo desde o início do seu mandato.

Figura 14 - publicação do presidente Bolsonaro culpando a esquerda e a imprensa pelos danos da pandemia



Fonte: Perfil de Jair Bolsonaro no Twitter²⁵

Desde o princípio da pandemia, o isolamento social se mostrou a medida mais efetiva para conter o avanço da pandemia, principalmente em um primeiro momento no qual não havia vacinas disponíveis para a doença. Todavia, aderir ao isolamento significava ter que fechar ou limitar diversas atividades por tempo indeterminado. Essa possibilidade levou as classes mais

²⁵ Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1549017772021190657>. Acesso em: 6 de dezembro. 2022.

ricas, principalmente o empresariado detentor dos meios de produção a criticar tais cuidados pois representariam perda de dinheiro para essa parcela da população que não teria alternativas se não demitir trabalhadores em massa. Sendo Bolsonaro também um representante da burguesia no poder, o *lockdown*, como ficou conhecida a precaução, passou a ser criticado frequentemente pelo presidente, com a justificativa de que isso acabaria com a economia brasileira, que não poderia parar de maneira alguma, conforme nos mostra Mattos (2020, p. 254), lembrando a atitude do presidente ao lidar com as críticas:

Sua resposta a essa reação de expressivas parcelas da população, explicável pelo medo da pandemia e pela concordância com as medidas de isolamento que ele insistia em menosprezar, foi responder concitando outro medo, o do desemprego e da fome

Como se não bastasse a população temer perder a vida diariamente, como se via acontecer com muitos, também tiveram que enfrentar o medo da miséria, sendo duplamente ameaçados. Esse cenário mostra mais uma vez o total descaso da administração de Jair Bolsonaro para com a classe trabalhadora, em um verdadeiro projeto de aniquilação, deixando muitos dos mais pobres morrerem, enquanto os que sobreviviam tinham que conviver com a incerteza de sua situação financeira. Enquanto isso, os mais ricos poderiam se isolar e cumprir todas as medidas sanitárias no conforto de seus lares sem se preocupar em passar fome.

Em um momento de extrema crise, Bolsonaro mostrou qual era sua prioridade, salvar a economia e o dinheiro das elites capitalistas enquanto os menos favorecidos morriam nas ruas sem assistência. A defesa incondicional desse princípio acabou isolando o presidente até mesmo entre o grupo de governantes com ideais semelhantes ao dele, os quais mais rapidamente cederam as pressões sociais por cuidados efetivos contra o vírus, como igualmente afirma Mattos (2020, p.256):

Assim, Bolsonaro se isolou mundialmente na posição neofascista mais radical, aquela que nega a gravidade da doença e, principalmente, apela ao sacrifício da vida humana em nome de um objetivo intangível: salvar a “economia”!

Desse modo, os anos pandêmicos ficaram marcados como um exemplo da capacidade de aniquilação do neofascismo, tendo em vista que, ao menos no Brasil, boa parte das mortes se dá por conta da falta de condução correta do problema por parte da presidência. Sabendo que esse desastre poderia lhe trazer graves impactos eleitorais, Jair Bolsonaro procura criar uma nova realidade na qual a esquerda e a imprensa seriam os verdadeiros culpados pela desgraça, se eximindo totalmente de qualquer culpa e ainda fazendo questão de reiterar a defesa de suas

posições sobre a questão. Fazendo isso, ele dá sua maior demonstração de desumanidade, incapaz de reconhecer qualquer erro, de lamentar qualquer falecimento de brasileiros pobres, Bolsonaro nos mostra explicitamente seu caráter fascista.

Posteriormente, já no período eleitoral, Bolsonaro busca tentar reverter sua desvantagem política na campanha para reeleição presidencial apelando para a mesma estratégia que o fez chegar ao comando da nação. Continua a demonizar a esquerda como fonte de tudo que há de ruim na política e como se o seu principal rival, Lula, representasse de fato algum projeto comunista/socialista, quando na verdade estava muito longe disso, como vimos anteriormente ao tratarmos sobre a crise no reformismo petista. Com a tentativa do PT de voltar ao governo, o presidente tentou resgatar o espírito que levou o país a escolher o neofascismo em 2018, mas agora em uma conjuntura já bastante diferente, com muitas pessoas tomando consciência dos males que um governo com essa inspiração pode causar.

Figura 15 - publicação do presidente Bolsonaro se colocando ainda como um candidato contra o sistema e contra a esquerda criminosa



Fonte: Perfil de Jair Bolsonaro no Twitter²⁶

Mesmo após estar com mais de trinta anos de carreira política, passando por diversos partidos e colocando filhos e ex-esposas também nessa carreira, Bolsonaro insiste em se colocar como um candidato contra o sistema. Essa postura é totalmente premeditada na medida em que se trata de um dos princípios da política fascista. O então presidente seria a figura antissistema que estaria tentando salvar o país da corrupção disfarçada de democracia que seria o motivo das crises recentes na região. Essa situação é corroborada por Calil (2019, p.56) ao apresentar essa característica do Fascismo:

Pelas suas características constitutivas, o fascismo sempre se apresenta como “antiregime” e “antissistema”, de forma a poder captar a revolta social e imprimir a ela um sentido reacionário. Esta é uma aparência necessária, sem a qual os fascistas não teriam êxito, e que se repete em movimentos fascistas nos mais distintos contextos e temporalidades

²⁶ Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1579959571309039617>. Acesso em: 7 de dezembro, 2022.

Essa característica do fascismo faz com que Jair Bolsonaro, mesmo estando no comando da presidência e sendo um representante do próprio sistema, tente se colocar como alguém antissistema. Incapaz de apresentar resultados satisfatórios dos últimos anos de seu governo, o presidente procura justificar sua falta de competência através de uma luta contra o sistema que ainda não teria terminado e que estaria ameaçando a continuidade de seu projeto salvador para o país. O problema é que o inimigo em questão na verdade é a própria democracia, reunida no lado oposto e que estava representando o único obstáculo restante para que o governante pudesse implementar definitivamente um projeto autoritário de cunho neofascista.

Nesse método fascista a corrupção acaba também se destacando bastante. Como já tratamos anteriormente, o líder bolsonarista exige absoluta confiança em suas ações, pois este seria incorruptível e tudo o que faz seria para combater o que há de errado com o Estado democrático. Não é à toa que no mesmo texto, Bolsonaro cita, além do sistema a corrupção, pois esse além de um assunto muito presente no país nos últimos anos, também seria fundamental para sua manutenção enquanto presidente, como nos mostra Stanley (2020, p.38):

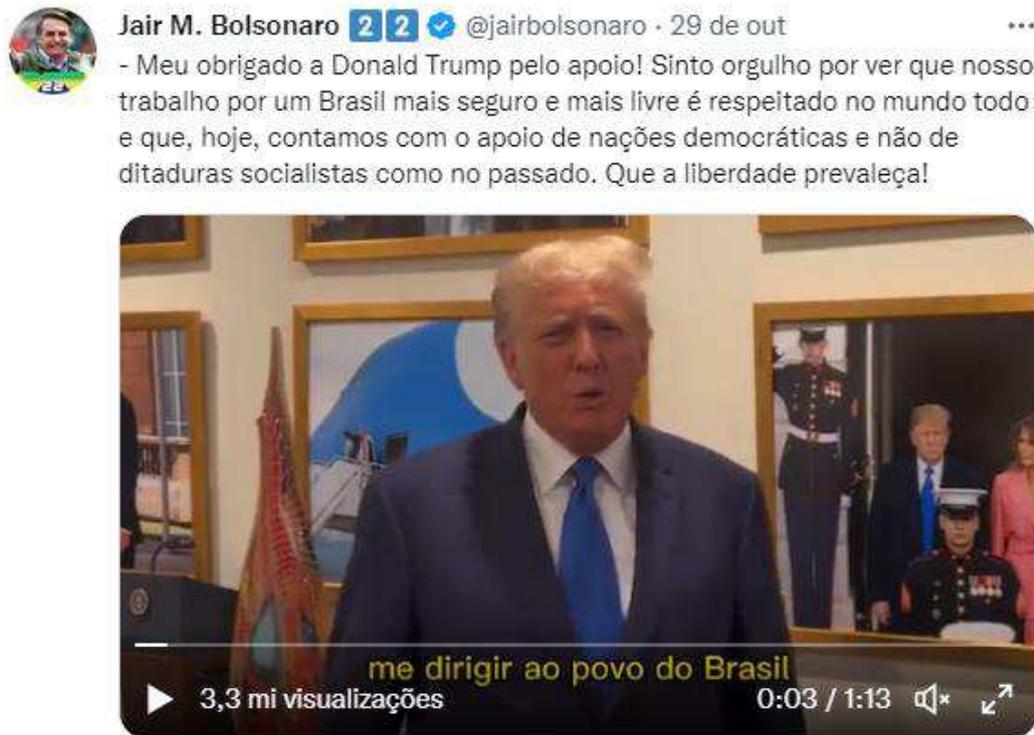
Divulgar falsas acusações de corrupção enquanto se envolve em práticas corruptas é típico da política fascista, e as campanhas anticorrupção estão frequentemente no centro dos movimentos políticos fascistas. Políticos fascistas geralmente condenam a corrupção no Estado que querem assumir, o que é bizarro, uma vez que os próprios políticos fascistas são invariavelmente muito mais corruptos do que aqueles que eles procuram suplantar ou derrotar.

É assim que se escancara a contradição do bolsonarismo ao criticar a corrupção estatal estando dentro dela. Isso fica ainda pior ao lembrarmos que entre outros escândalos, o governo Bolsonaro foi suspeito de envolvimento em um esquema corrupto para compra de vacinas indianas²⁷, em mais um momento no qual o fantasma da pandemia assombrou o Bolsonarismo. Em suma, para tentar reeleger, o bolsonarismo seguiu apostando na força de todo esse processo que vem acontecendo desde as Jornadas de Junho de 2013, embora naquele momento o movimento era policlassista e bastante heterogêneo, se desenvolvendo com mais força à extrema-direita no ano de 2015, com o desenvolvimento do antipetismo e a criminalização da esquerda, mas agora com a diferença de ser o governo e ter sido abalado pela crise sanitária mundial, o que deu munição para o campo democrático-liberal acreditar que poderiam vencer a ameaça fascista.

²⁷ BENITES, Afonso. Compra de vacina Covaxin arrasta Bolsonaro para sombra da corrupção. El País. 23 de Jun. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-06-24/compra-de-vacina-covaxin-arrasta-bolsonaro-para-sombra-da-corrupcao.html>. Acesso em: 7 de dezembro. 2022.

Em seguida, outro padrão neofascista reaparece durante a campanha eleitoral do segundo turno, que é a globalização desse movimento. Bolsonaro recebeu nas redes sociais o apoio de diversos líderes mundiais da extrema-direita, através de interações com ele ou mesmo gravações de vídeos de ajuda, como no caso do ex-presidente norte americano Donald Trump, que rapidamente demonstrou todo seu apoio a Bolsonaro o elogiando e conclamando os brasileiros a votarem nele.

Figura 16 - publicação do presidente Bolsonaro agradecendo o apoio de Donald Trump a sua reeleição



Fonte: Perfil de Jair Bolsonaro no Twitter²⁸

Ainda que Trump tenha sido derrotado em sua tentativa de se manter na presidência dos Estados Unidos em 2020, o neofascismo mostra que segue organizado internacionalmente até a atualidade, buscando manter no poder os líderes que lá estiverem. Esse esforço internacional para a consolidação do bolsonarismo no Brasil acontece pelo fato de que, em anos recentes, países caminharam para o autoritarismo e a destruição da democracia a partir do segundo mandato de seus governantes neofascistas²⁹, como por exemplo Viktor Orbán, da Hungria, que

²⁸ Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1586540865618591744>. Acesso em: 7 de dezembro. 2022.

²⁹ BARRETO, Marina; MENDES, Conrado. O risco da reeleição: Na espiral do autoritarismo, reconduzir um autocrata à presidência pode ser o ponto de não retorno. Quatro Cinco Um. 27 de Set. 2022. Disponível em: <https://www.quatrocincoum.com.br/br/artigos/laut/o-risco-da-reeleicao>. Acesso em: 7 de dezembro. 2022.

parece ser um modelo para Bolsonaro. Essa aproximação ideológica é apresentada por Mattos (2020, p.77) ao observar exatamente a relação entre Brasil e Hungria após a eleição de Bolsonaro em 2018:

Políticos e governos orientados pelo neofascismo se articulam em escala transnacional, trocam experiências, compartilham propostas e articulam campanhas comuns. Assim, apenas para resgatar alguns exemplos, o governo Bolsonaro intensificou muito as relações bilaterais com a Hungria de Orbán - apesar de a tradição de contatos diplomáticos e as trocas econômicas entre os dois países serem mínimas -, gerando convergência em pautas como a defesa da cristandade ameaçada

A campanha comum organizada por eles aqui nesse caso é pela continuidade do bolsonarismo no Brasil. E caso fosse eleito para um novo mandato, o presidente já indicava qual seria seu próximo alvo para enfraquecer ainda mais a democracia brasileira e realizar suas pretensões autoritárias, o aparelhamento do Supremo Tribunal Federal através do aumento do número de ministros³⁰, que seriam todos indicados por ele caso saísse vencedor do processo eleitoral. Se viesse a formar um Supremo Tribunal com maioria de aliados, Jair Bolsonaro teria sob seu controle todos os poderes da república e o Brasil poderia caminhar rumo a uma trágica ditadura neofascista, com todos os aspectos nefastos e destrutivos já relatados neste trabalho, se tornando a maior ameaça às liberdades individuais vivida no país desde a ditadura militar iniciada em 1964. Assim sendo, a derrota eleitoral do então presidente se fazia fundamental para uma preservação mínima do Estado democrático de direito nesse momento, o que felizmente acabou acontecendo. Apesar disso, a perda da presidência não significa nem de longe o fim do Bolsonarismo, o que nos gera a necessidade de nos mantermos atentos aos próximos passos desse movimento que ainda representa uma ameaça para o Brasil.

³⁰ Bolsonaro diz que aumento de vagas pode ser descartado se STF “baixar temperatura”. CNN Brasil. 9 de Out. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-diz-que-aumento-de-vagas-pode-ser-descartado-se-stf-baixar-temperatura/>. Acesso em: 7 de dezembro. 2022.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos anos, o Brasil viu a palavra “Fascismo” se popularizar nos debates políticos graças à ascensão de Jair Bolsonaro na política. De um obscuro deputado com ideias absurdas que eram discutidas apenas em programas sensacionalistas de pouca relevância e sem ser levado a sério, ele chegou ao mais alto cargo da república brasileira. Esse cenário trouxe de volta ao país o fantasma do autoritarismo da ditadura militar e a dúvida: afinal, Bolsonaro pode ou não ser considerado um fascista?

O presente trabalho gira em torno dessa pergunta e busca respondê-la fundamentando-se em uma análise de diversos aspectos e a partir de uma visão materialista da história. Em primeiro lugar, se fez necessário retomar o conceito do Fascismo clássico do século XX, entendendo suas características e a conjuntura de seu surgimento com o auxílio de autores considerados clássicos da época, os quais viveram e escreveram sobre o tema. Ao mesmo tempo, para pensar o momento do século XXI, utilizamos a concepção de Neofascismo, que surge procurando explicar essa nova era da extrema-direita mundial e como essa teoria pode se encaixar no bolsonarismo, nos ajudando a entendê-lo.

Em seguida, também se fez necessário entender a conjuntura de crise que levou o Brasil a eleger um potencial neofascista para a presidência. Foi possível observar como as condições políticas, econômicas e sociais se deterioraram no país até o ponto em que a extrema-direita chega ao poder, tendo inclusive certa semelhança com os acontecimentos que levaram o nazifascismo a governar Itália e Alemanha. Isso também foi possível com o apoio de uma bibliografia a respeito do período, que tem início no movimento que ficou conhecido como Jornadas de Junho, em 2013.

No capítulo final, utilizamos aquilo que é uma das melhores fontes para compreender Bolsonaro e o bolsonarismo, as redes sociais. Baseando-se em seu perfil no Twitter, um dos principais campos de atuação do presidente e de sua milícia digital, foi possível identificar características fascistas e neofascistas no mesmo e como ele usa esse meio para disseminar sua nefasta ideologia, seja perseguindo grupos minoritários e opositores, passando informações falsas para a população, desmantelando o Estado e a democracia, entre outras coisas. Isso foi feito expondo suas publicações na rede social em questão, fazendo uma pesquisa que abarca todos os anos em que Jair Bolsonaro esteve como presidente da república, ou seja, de 2019 a 2022, apresentando algumas postagens que merecem destaque para explicar o fascismo bolsonarista.

Assumindo que Bolsonaro é um neofascista, esse trabalho se mostra relevante justamente ao apresentar todo esse processo que vai desde o surgimento do fascismo histórico, até o neofascismo, sua popularização no Brasil e o seu modo de atuação na internet. Se trata de uma contribuição relevante no momento em que o país viveu uma grande ameaça a sua jovem democracia liberal e é necessário enfrentar essas forças que conspiram para usurpar as liberdades do povo brasileiro. Tal enfrentamento é possível justamente a partir do momento no qual a dimensão da ameaça é melhor compreendida, por isso que foi fundamental observar o fenômeno do fascismo desde o seu início.

Além disso, é importante destacar que, tendo o governo Bolsonaro se passado durante o grave período da pandemia mundial de Covid-19, conseguimos apresentar alguns exemplos de como o presidente agiu com suas convicções ideológicas para colaborar com a morte de milhares de brasileiros. Esse ponto é extremamente preocupante pois mostra exatamente o poder de destruição que um líder neofascista tem estando no comando de uma nação. Com ações perversas como a divulgação de notícias falsas envolvendo o tratamento da doença e negligenciando a compra de vacinas, o presidente deu exemplos da capacidade cruel de seus ideais.

Apesar de concluir que Jair Bolsonaro é um neofascista, as perspectivas do trabalho e o debate em torno dessa figura ainda irão se estender por muitos anos, afinal, nesse momento, diferentes autores, empregando diferentes concepções estão estudando e escrevendo sobre o assunto. Apenas um maior distanciamento histórico e o acesso a mais informações sobre os anos de Bolsonaro na presidência nos darão uma maior precisão do quão perto o Brasil esteve de um golpe autoritário para instauração de um regime com inspiração no fascismo.

No momento em que esse texto é escrito, Bolsonaro perdeu a disputa pela reeleição e seu movimento parece não ter forças para promover a tomada de poder que o mesmo claramente sempre desejou. Contudo, será necessária muita atenção nos próximos anos para evitar uma volta desse mal a presidência, pois apesar dessa derrota, o neofascismo brasileiro ainda respira e a julgar pelo fato de que a eleição de 2022 foi vencida pelo já velho reformismo conciliatório de Lula, a possibilidade do bolsonarismo se reorganizar e retornar com força a cena política não deve ser descartada.

5. REFERÊNCIAS

POGGI, Tatiana. Fascismo à brasileira. In: CISLAGHI, Juliana Fiuza; DEMIER, Felipe (org.). **O neofascismo no poder (ano I): análises críticas sobre o governo Bolsonaro**. Rio de Janeiro: Consequência, 2019. cap. 3, p. 69-101.

CALIL, Gilberto. Gramsci e o fascismo. In: CISLAGHI, Juliana Fiuza; DEMIER, Felipe (org.). **O neofascismo no poder (ano I): análises críticas sobre o governo Bolsonaro**. Rio de Janeiro: Consequência, 2019. cap. 2, p. 47-67.

ARCARY, Valério. Bolsonaro é ou não um neofascista?. In: CISLAGHI, Juliana Fiuza; DEMIER, Felipe (org.). **O neofascismo no poder (ano I): análises críticas sobre o governo Bolsonaro**. Rio de Janeiro: Consequência, 2019. cap. 4, p. 101-115.

MARCONSIN, Cleier; CAETANO, Mira L. M.. Emprego ou direitos: a “escolha de Sofia” dos trabalhadores na contemporaneidade brasileira. In: CISLAGHI, Juliana Fiuza; DEMIER, Felipe (org.). **O neofascismo no poder (ano I): análises críticas sobre o governo Bolsonaro**. Rio de Janeiro: Consequência, 2019. cap. 8, p. 161-177.

SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias. O profascismo bolsonarista e a universidade pública no Brasil. In: CISLAGHI, Juliana Fiuza; DEMIER, Felipe (org.). **O neofascismo no poder (ano I): análises críticas sobre o governo Bolsonaro**. Rio de Janeiro: Consequência, 2019. cap. 10, p. 205-221.

ALMEIDA, Fábio Chang. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. **Revista Aedos**, v. 3, n. 8, p. 10 – 30, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/16776>. Acesso em: 11 dez. 2022.

SILVEIRA, Pedro Telles. As Fontes digitais no universo das imagens técnicas: crítica documental, novas mídias e o estatuto das fontes históricas digitais. **Revista Antíteses**, v.9, n.17, p.270 – 296, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/20595>. Acesso em: 11 dez. 2022.

DOS SANTOS, Alexandre Firmo; SANTOS, Matheus Honorato da Silva. Problematizando as fontes históricas digitais: o acesso ao conteúdo virtual e suas implicações. **Revista Eletrônica**

Discente do Curso de História - UFAM, v. 5, n. 1, p. 376 – 391. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/manduarisawa/article/view/8863>. Acesso em: 11 dez. 2022.

MARQUES, R. M. Trabalho e valor nas mídias sociais: uma análise sob as lentes do marxismo. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 27, n. 3, p. 111-130, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9784>. Acesso em: 11 dez. 2022.

STANLEY, Jason . **Como funciona o fascismo: a política do "nós" e "eles"**. 5. ed. Porto Alegre: L&PM, 2020.

MATTOS, Marcelo Badaró. **Governo Bolsonaro: neofascismo e autocracia burguesa no Brasil**. São Paulo: Usina Editorial, 2020.

MANSO, Bruno Paes. **A república das milícias: Dos esquadrões da morte à era Bolsonaro**. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2020.

TROTSKY, Leon. **Como esmagar o fascismo**. São Paulo: Autonomia Literária, 2018.

ZETKIN , Clara . **Como nasce e morre o fascismo**. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

BENJAMIN, Cid; DEMIER, Felipe; ARCARY, Valério. **O ovo da serpente: a ameaça neofascista no Brasil de Bolsonaro**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020.

DEMIER, Felipe. A revolta a favor da ordem: a ofensiva da oposição de direita . In: HOEVELER, Rejane; DEMIER, Felipe (org.). **A onda conservadora: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 2016. cap. 4, p. 51-56.

MELO, Demian. A direita ganha as ruas: elementos para um estudo das raízes ideológicas da direita brasileira. In: HOEVELER, Rejane; DEMIER, Felipe (org.). **A onda conservadora: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 2016. cap. 6, p. 67-76.

LAILER, Christiane Vieira. O golpe parlamentar e a agenda que não ganha eleições. In: FREIXO, Adriano; RODRIGUES, Thiago (org.). **2016: o ano do golpe**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2016. cap. 3, p. 41-63.

MORETZSOHN, Sylvia Debossan. O golpe parlamentar e a agenda que não ganha eleições. In: FREIXO, Adriano; RODRIGUES, Thiago (org.). **2016: o ano do golpe**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2016. cap. 6, p. 116-140

PAULANI, Leda Maria. Bolsonaro, o ultraliberalismo e a crise do capital. **Margem Esquerda**, São Paulo, n. 32, p. 48-55, mai. 2019.